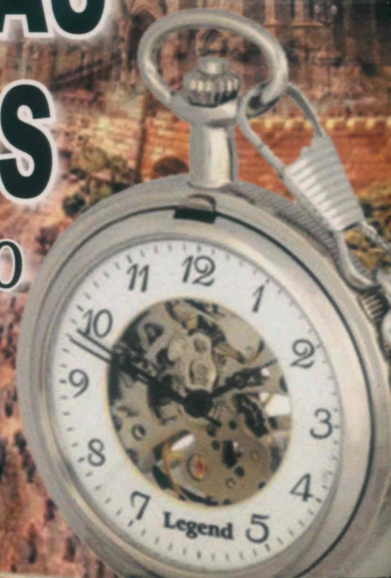


MÉDIUM HENRIQUE BOTTARO
PSICOGRAFIA DE FREI ÂNGELO

AS BADALADAS DOS SÉCULOS

O DESPERTAR DE UM CRISTÃO

DIGITOP
EDITORA





Henrique Marcelo Bottaro É natural de Ribeirão Pires - SP desde tenra idade teve suas faculdades mediúnicas afloradas, descobertas por sua professora Célia Regina e Dona Albertina uma benzedeira local.

Aos 8 anos de idades já tinha sintoma com espíritos em casa , na escola e mais tarde no trabalho, sem saber o que representariam tais fenômenos.

A partir de então, Henrique Marcelo Bottaro começou a frequentar o Centro Espirita Ismênia de Jesus em sua cidade natal com a orientação de Neuza Barbosa Conceição e Rosa Meca (tia Rosa), onde fez vários cursos doutrinários. Ao longo de 23 anos realizou vários trabalhos sociais relevantes para a comunidade.

Em 2014, começou a atuar como médium psicografo viajando por todo o Brasil, recebendo mensagens de entes queridos que retornaram à pátria espiritual.

Tem entre seus benfeitores, Amélia e Ramirez. Atualmente desenvolve suas atividades mediúnicas na cidade

MÉDIUM HENRIQUE BOTTARO
PSICOGRAFIA DE FREI ÂNGELO

*Patrícia
Almeida
Henrique Bottaro
8/15/22*

AS BADALADAS DOS SÉCULOS

O DESPERTAR DE UM CRISTÃO

1ª edição / São Paulo 2020

DIGITOP
●●●● EDITORA

Henrique Marcelo Bottaro

As Badaladas dos Séculos: o despertar de um Cristão

1ª Edição

São Paulo - Abril 2020

Capa e projeto gráfico: Luiz Antonio Gonçalves

Revisão: Ana Paula Loro e Henrique Bottaro

**Dados Internacional de Catalogação na Publicação
(CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Bottaro, Henrique Marcelo, 1973-
As Badaladas dos Séculos: o despertar de um Cristão / Henrique
Marcelo Bottaro, Autores Espirituais - Psicografia de Frei Ângelo, Mauá
— SP. 1a. edição, 2020.

128 páginas

1. Espiritismo 2. Psicografia I. Amélia, espírito II. Bottaro,
Henrique, 1980-III. Título
CDD -133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
 2. Psicografia: Mensagens: Espiritismo 133.91
- Autores Espirituais - Amélia Ramirez e Espíritos Diversos

DIGITOP
EDITORIA

Dedicatória

Agradeço a Deus por me permitir a realização desta obra.

À minha Mãe, Azenoura Eunice Monteiro Bottaro.

A meu pai, Rene Bottaro que ascensionado ao plano maior,
auxilia-me no trabalho social, em amparo ao próximo.

A todos os meus irmãos e irmã.

A Rendricris Nantes da Silva.

E todos os meus incentivadores que sempre estiveram ao
meu lado em todas as horas.

Henrique Marcelo Bottaro

Abril de 2020

PREFÁCIO

O Tempo

Nas badaladas do relógio, onde se veem as horas vivenciadas, não nos esqueçamos de que para tudo o que existe há uma razão.

O tempo foi criado no campo terreno para que pudéssemos nos educar perante os compromissos assumidos, compromissos, esses, não somente com o tempo, mas com todos aqueles que do tempo fazem parte.

Trabalhar quer dizer agir, agir quer dizer executar, executar pode-se dizer também criar. Deve-se criar para o bem. Não se ocupa o tempo divino com frivolidades, sem causa, sem destino a lugar algum na esfera das experiências, com reflexos no nosso espírito.

Trabalhar para nossa manutenção, sustentabilidade e necessidades do corpo sempre é válido, todavia, muito mais devemos trabalhar para a sustentabilidade moral de nossa jornada, como ocupantes de nosso lugar na criação, pois todos fazemos parte dos planos de Deus; então não nos ausentemos de nossas responsabilidades diante da vida nem arrumemos desculpas e ou comportamentos para justificar a nossa inércia incabível.

J. J. Andrade

Sumário

CAPITULO I	9
O Mosteiro	9
CAPITULO II	17
Jerusalém - ano 1 de mim mesmo	17
CAPITULO III	25
Roma, 100 anos depois	25
CAPITULO IV	29
Assis, Itália	29
CAPITULO V	35
O início do Acerto de Contas	35
CAPÍTULO VI	39
As Aparições	39
CAPÍTULO VII	49
O Flagelo	49
CAPÍTULO VIII	55
A Fuga	55
CAPÍTULO IX	57
Novas Vivências	57
CAPÍTULO X	61
O Reencontro	61
CAPÍTULO XI	65
A Certeza do Meu Voto	65
CAPÍTULO XII	69
O Reencontro - Com o Passado - Mosteiro	69
CAPÍTULO XIII	73
Uma Visita Inesperada	73

CAPÍTULO XIV	77
De Volta ao Trabalho	77
CAPÍTULO XV	83
A Doença	83
CAPÍTULO XVI	87
Recordando O Passado	87
CAPÍTULO XVII	89
Retornando À Realidade	89
CAPÍTULO XVIII	93
A Vila Dos Leprosos	93
CAPÍTULO XIX	99
Valentino O Nobre Sem Riquezas	99
CAPÍTULO XX	103
Nova Chance De Servir Mais	103
CAPÍTULO XXI	107
A Impiedosa Lepra	107
CAPÍTULO XXII	113
Minha Partida	113
CAPÍTULO XXIII	119
O Retorno	119
CAPÍTULO XXIV	121
Um Berço Chamado África, Uma Escola Chamada Brasil	121

CAPITULO I



O Mosteiro

O CHEIRO DO ORVALHO nos primeiros raios do amanhecer, anunciava mais um dia do ano de 1560 onde, numa discreta colina, entre certezas e incertezas, havia um grande mosteiro no Sul da França, nas vizinhanças de Marselha. O lugar abrigava sessenta e quatro monges de Ordem Católica Franciscana que viviam com simplicidade, onde apesar da pobreza, havia muita paz.

O mosteiro, com o seu estilo rústico e suas muralhas imponentes, protegiam o que a igreja havia conquistado naquelas paragens.

Todos os sessenta e quatro monges de idades variadas, seguiam fielmente as regras rígidas do mosteiro que iniciava-se na igreja local, todos os

dias com orações, logo nos primeiros raios da aurora em meados das 04:30 horas antes mesmo do desjejum. Apesar da vida monótona daquele lugar longínquo, as atividades diárias eram bem estipuladas e divididas com serviços braçais dentro das muralhas.

Era uma pequena comunidade que, apesar de, não desfrutar do luxo da igreja, ainda assim, não lhes faltavam absolutamente nada. Seguiam suas vidas ocupando-se apenas de suas rotinas e, enquanto as badaladas do relógio custavam a avançar, aguardavam o crepúsculo convidativo para as orações seguidas de um bom descanso.

Todos seguíamos os preceitos Franciscanos, onde a simplicidade era o dilema daquela ordem.

A comunidade em volta não era muito grande; apenas algumas casas e algumas dezenas de pessoas que viviam da lavoura e do comércio local para a sobrevivência.

No entanto, a transformação da Europa em 1560, já era uma fato a ser considerado. Foi assim que aquele lugar, junto com a Renascença que havia saído da Era das Trevas, dava sequência da história e da arte para um movimento cultural

que surgia na Itália entre os séculos XIV, XV e XVI, estendendo-se no Século XVII.

Essa fase significou literalmente nascer de novo com pensamentos capitalistas se iniciando, onde Deus já não era mais o centro de tudo como exemplo a ser seguido de viver uma boa vida, mas agora o ser humano o era, pois, sentia-se poderoso a ponto de acreditar que podia criar através de suas habilidades criativas e inteligência como se fosse o próprio Deus. E assim, seguiu-se gradativamente mudando conceitos, arquitetura, dentre tantas coisas, definindo a Europa dos dias de hoje.

No entanto, enquanto tudo se transformava na Europa, o mosteiro continuava intacto em sua originalidade de valores e costumes, tempo esse impiedoso que deixou com o vento suas marcas na sabedoria que as décadas traz.

Naquela irmandade, Jesus de Nazaré, o Cristo, era fonte inspiradora e assim também Giovanni Di Pietro Di Bernardone, mais conhecido como São Francisco de Assis.

Francisco nasceu em uma cidade italiana chamada Assis, no dia 5 de julho de 1182, que veio a falecer em 3 de outubro de 1226. Ele foi um

frade católico que era para todos o melhor exemplo de como ser um verdadeiro imitador de Jesus, que ele acreditava ser a mais divina fonte de inspiração para nos mantermos firmes no propósito de seguir com fé diante de todas as dificuldades e buscarmos a paz em tempos de guerra e a luz em momentos de trevas.

Mas a história que se segue é um relato de renúncia, de amor á Cristo, numa época onde a sobrevivência já era uma conquista e viver uma dádiva.

Chamo-me Ângelo, posteriormente Frei Ângelo, aquele que trará consigo não as chagas do Nazareno, mas as marcas daquele que amará a Jesus e não se arrependerá dos açoites e injúrias que virá a sofrer o meu espírito porque entenderei que será necessário os fatos para fluir o meu melhor, sofrimentos estes que me tirarão as arestas das flagelações humanas e burilar-me-á em um cristão digno onde à cruz não é o fim, como a sepultura não é o último lugar onde dorme aqueles que se julgam mortos.

Morrer e viver se torna indiferente numa época alegre e ao mesmo tempo sombria, não pelo

o amanhã que me batia a porta mas pelo passado que refletia no presente ainda conflitante do ontem errante para o hoje reparador.

Nasci em uma família simples e a vida não era fácil para ninguém. Eu era o terceiro de seis irmãos. Quando completei 12 anos, meu pai veio a falecer deixando-nos a sorte com nossa mãe que, sozinha, cuidou de todos nós.

Naquela época não se condenava uma viúva que escolhesse seguir sozinha, porém, a sociedade não se solidarizava e era essa indiferença que nos feria.

Minha mãe Mariée era uma mulher que se enchia de coragem e determinação para que tivéssemos a chance de pelo menos sobreviver, no entanto, com passar dos anos e doenças avassaladoras, muitos irmãos e irmãs morreram. Pela Graça, alguns sobreviveram e vieram a se casar, ficando apenas eu e minha nobre mãe.

Éramos muito religiosos e, começava a despontar em mim tendências cristãs acentuadas diferente da maioria dos meninos da minha idade. Eu já enxergava na ideia de Cristo um irmão e amigo.

Frequentar uma escola para ter acesso à educação naquele lugar era impossível, sendo assim,

restou à minha mãe, escolher a solidão e me colocar naquela Ordem de Monges, pois ali, ela viu a possibilidade de, além da oportunidade de estudar, eu receberia boa educação e alimentação, mesmo com toda a simplicidade daquele lugar.

Foi assim que eu ingressei na ordem Franciscana, aquele lugar que me enchia os olhos e o coração de amor, no entanto, com o tempo a convivência com as pessoas outros fatores que se somariam, me foi revelada uma outra realidade; uma mistura de passado e presente que refletiria no futuro. Vou Explicar:

Quanto mais passava os anos ia manifestando em minha personalidade mesmo que de uma forma colateral traços de meu passado onde o meu ir adiante e não era meu dilema , mas aprendi a conviver comigo mesmo.

Após alguns anos, devido as pestes e doenças daqueles tempos, minha mãe veio a falecer. Eu não tinha muito contato com ela, contudo a visitava sempre que podia. Ela, por sua vez, doce e amável como era, fingia estar tudo sobre controle, mas aqueles tempos difíceis arrebatou-a também para junto de Cristo, deixando-me defini-

tivamente órfão onde somente o amor em Cristo supriria minha carência.

Daquela região onde hoje é Marselha na França, jornadeávamos, vez ou outra, por aproximadamente 750 quilômetros, o que nos ocupava em torno de uma semana de viagem, para visitar Assis na Itália, a terra daquele que nos servia de modelo ao amor de Jesus.

Bem, como agora já conseguimos entender um pouco melhor a época, os modos e os costumes dos anos de 1560 D. C., podemos compreender a história na vida atual, porém, como dito anteriormente que o passado me colocaria numa posição conflitante, os circunscritos que estavam no meu presente, agora conduz a lume, fatos, sensações e emoções que até então estavam adormecidos.

Para que possamos entender melhor, voltemos em uma época bastante distante onde cruzar com o Nazareno me foi uma situação que iniciou-se movida por curiosidade seguida de constrangimento e terminou com lições de amor genuíno.



Jerusalém
ano 1 de mim mesmo

QUANDO DIGO QUE FOI meu ano, não quero dizer que não tenha havido uma história anterior, houve sim, mas aqui é o ponto de partida onde tudo se tornará mais interessante.

Encontrava-me em Jerusalém em meio as guerras com os romanos, desde a chegada do General Pompeu 63 anos A.C., onde a fome e a miséria assolavam a plebe constantemente enquanto que, os chamados Patrícios que eram descendentes das primeiras famílias que povoaram Roma, donos das terras e ocupantes de importantes cargos públicos na política e na igreja, retinham toda riqueza e escravos, ficando assim, isentos de qualquer dificuldade de sobrevivência. Eles compunham a

minoria da população ocupando o topo da pirâmide social romana.

Já os Plebeus formavam a maioria da sociedade romana, eram eles os pequenos comerciantes, artesãos e outros trabalhadores livres, não tinham quase nenhum direitos políticos e de participação na vida religiosa, também haviam os Clientes, apesar de livres, viviam “presos” aos Patrícios, por conta de relação de dependência, eram eles estrangeiros e refugiados pobres, por aceitar favores econômico e jurídico dos patrícios, tinham de prestar ajuda em trabalhos e nas questões militares, pior ainda era a situação dos Escravos que não tinham nenhum direito social, eram em sua maioria presos de guerra que acabavam vendidos como mercadorias para Patrícios e Plebeus sem receber pagamentos pelo trabalho pesado e serviços domésticos, somente comida e roupas.

Na época do Império Romano, o número de escravos aumentou de forma extraordinária, por fim tinham também os Libertos ou ex-escravos que obtinham a liberdade por concessão ou abandono de seus proprietários e em alguns casos com a própria compra da liberdade, mas acabavam tra-

balhando para seus ex-donos. De qualquer forma, abaixo dos Patrícios, a população de classe baixa vivia à mercê do tempo que, impiedoso, cobrava a cada um de forma diferente.

Em todo tempo não havia higiene, o povo perambulava pelas ruas, os alimentos ficavam expostos em mercados a céu aberto num comércio que fervilhava desorganizado.

Foi então que se iniciaram os rumores de que havia chegado aquele que se colocava como O MESSIAS, que representava a autoridade máxima espiritual desdizendo que o homem de fé deveria viver debaixo da Lei e fazendo valer que o homem viveria, dali para frente, debaixo da Graça, destacando-se com sua discursividade como o EU SOU, sob todos os sacerdotes e religiosos da época, trazendo para o povo as boas novas de que ele era a porta e que se alguém entrasse por ele, seria salvo; ainda que entrasse e saísse, acharia pastagem, que ele havia vindo para que todos tivessem vida em abundância, liberdade e amor de um Pai, que ele era a verdade e a vida e que ninguém iria ao pai se não por ele.

Contudo, independente das coisas maravilhosas que ouvíamos, Ele não foi aceito pelo Poder

Religioso da época, foi ridicularizado e, desprovido de qualquer sorte de credibilidade ou apoio em seus ensinamentos, não demorou os rumores de perseguição do Poder Político e, Pilatos, lavou as mãos.

Eu estava no meio de todos aqueles desorientados marginalizados, vivia na pobreza onde a sorte de pequenos furtos me traziam algum sustento. Não praticava nenhum gesto de maldade, mas eu era o que chamavam de a escória.

Se não fazia o mau diretamente, muito menos o que era bom, apenas queria me dar bem, onde sobreviver a cada dia era um jogo e ganhá-lo era imprescindível.

Era pai de três crianças pequenas, pelas quais, eu não me importava, e nem poderia falar muito sobre elas porque eu era totalmente indiferente; apenas as criava por obrigação. Não havia em mim, sentimento algum de paternidade devota ou preocupada com a manutenção e sustento da minha família.

Sabia, devido a minha personalidade astuta, me colocar diante de situações embaraçosas, na posição de vítima. Encenar a fim de livrar-me

de maiores embaraços, era minha especialidade, porque o que importava era que eu me destacasse entre os espertalhões. Delitos maiores não fiz porque, naquela época, era sentença de morte certa para os que fossem pegos roubando.

O calor diário era escaldante; sentíamos-nos totalmente desprotegidos, sem Pai, sem Deus, sem vida, sem futuro.

Todos os dias não passavam de mais um dia interminável entre tantos outros iguais; sem fim. Começávamos sempre sem grandes expectativas, o barulho da cidade já se fazia presente e revezava-se entre as preces nas sinagogas e os burburinhos da cidade. Não era religioso, contudo, me mantinha em discrição para não me expor ao peso de julgo algum sobre incredulidades.

Foi então que, numa determinada manhã, logo após as primeiras horas, ouvimos dizer que o profeta dos profetas, como diziam, estava na cidade. Em um impulso tomado simplesmente pela curiosidade e totalmente despido de qualquer outro sentimento que pudesse traduzir alguma forma de amor, fui conferir os rumores a fim de saber se eram realmente verdadeiros.

Ao chegar na baixa colina próximo aos muros da cidade, pudemos ouvir suas últimas palavras junto a uma pequena multidão que o cercava. Era curioso observar o desejo e empenho das pessoas em tentar se aproximar a fim de tocá-lo e, se possível, conversar com aquele que era chamado de Jesus, o Salvador.

Infiltrei-me no meio da multidão para ver mais de perto o que ocorria e, no meio dela, Ele, o tal Jesus de Nazaré, por coincidência ou não, caminhava na minha direção rumo ao que parecia ser um encontro casual. Em meio a toda aquela gente e confusão, aproximei-me o máximo que pude. Dentro do que me recordo, era uma figura singular para a época; de traços fortes com a voz firme e precisa.

Sem muito interesse, mas como que numa fração de segundos, que mudaria toda uma existência, nossos olhares fitaram-se e por alguns momentos o barulho cessou-se, já não sentia nem o calor e nem o vento, apenas aquele olhar a me rasgar as entranhas sondando-me no íntimo de tal maneira que nem mesmo eu me conhecia e, como que por telepatia, dizendo-me:” Hoje me negas,

mas amanhã voltaremos a nos encontrar e tu me chamarás de Irmão”.

Logo recobrei-me saindo daquele estado de torpor e voltando para toda aquela balbúrdia do momento, Se o segui? Se ele me tocou o ser?

Não, nem uma e nem outra coisa, somente tempo depois ouvi falar de sua morte, na verdade a esta altura era o que somente se falava, minha vida se algo mudou foi dentro de mim que ainda não sabia e viria a tona tempos depois.

Continuei minha vida de desgraçado e já nas portas da maior idade num ato infeliz perdi a vida, sofrendo como ninguém sofreu e décadas depois voltei não mais em Jerusalém, mas um pouco mais além.



Roma, 100 anos depois

EM MEADOS DO PRIMEIRO centenário da morte de Jesus, eu havia voltado novamente e apesar de ser um pequeno comerciante com estabilidade financeira, vivificava em mim muito da personalidade astuta de minha última encarnação e continuava me valendo das artimanhas desenvolvidas dessa antiga persona; a única coisa que havia mudado era o fato de que eu não estava mais nas regiões desertas de Jerusalém ou Galileia, mas sim na Europa, mais precisamente em Roma.

As dificuldades não eram diferentes e a morte, com a ajuda das guerras, fossem pelas batalhas ou pelas dificuldades que elas traziam, continuavam a recolher nosso povo ferozmente em

idades bastante jovem, deixando para poucos a sorte da velhice e mesmo assim controlados pelos soberanos romanos.

Os reflexos que aconteceram em Jerusalém a 100 anos atrás ainda eram nitidamente presentes ao passo que parecia ser somente o dia seguinte. O nome de Jesus não havia se apagado.

Meu comércio de ervas situado na praça, era o meu sustento, como não havia constituído família, me era o suficiente. Das ruas podia observar toda a movimentação e presenciava todas as barbaridades que aconteciam com aqueles que falavam do filho de Deus e, sempre que ouvia falar de sua passagem pela Terra, era como se algo por dentro me remetesse a uma situação já vivida tal qual um *dejavu*.

Dele algo dentro de mim me remetia ao que não entendia e muito menos conseguia colocar em palavras, mas uma vez vivi ao léu, conquistando e roubando quando possível, tais atitudes eram latentes ao espírito rudimentar e leviano e mais uma vez pela porta da imprudência, excessos, brigas e confusões vi-me morto jogado a beira da estrada, estrada essa que servia de lembrete

aos desavisados que teimavam seguir o nazareno, corpos crucificados apodreciam a céu aberto onde animais e aves faziam seus banquetes e o cheiro de putrefação se sentia por todos os lados nauseando qualquer um nobre ou não.



Assis, Itália

PASSADO ALGUM TEMPO, TEMPO esse relativo porque como se diziam nos locais que estava que tudo dependia da necessidade e oportunidade de crescer, retornei mais algumas vezes estagiando de forma não diferente do que estava acostumado e assim foram seguindo se os séculos onde pude em meados de 1200 retornar a Itália em um vilarejo muito pequeno e remoto a noroeste de Assis e agora numa forma melhor de mim mesmo onde o rudimentar dava lugar a razão mas a religião o crer e a fé eram coisas ainda distantes de mim, não que nunca tivesse entrado em uma igreja ou sinagoga, mas o despertar ao ponto de desenvolver a fé, não cabia a um homem onde

tinha como definição que viver ou morrer era apenas uma questão de sorte.

Totalmente diferente do que eu era em outras roupagens, minha família agora era de camponeses religiosos e eu só mais um garoto, único varão da família que trabalhava na lavoura e havia sido preparado e educado para o casamento.

O Cristianismo já não era mais severamente perseguido, mesmo ainda com todas as barbarias. Foi na igreja cristã que me uni em matrimônio com uma mulher religiosa.

Havia um rapaz franzino de família muito abastada e influente na igreja, seu pai um rico comerciante da época. O rapaz ainda muito jovem, vivia sua vida de forma mundana e tinha o desejo de ir para a guerra que acontecia entre sua cidade Assis, e a cidade de Perugia ambas na Itália. Porém, o menino caiu doente e no período de convalescência, teve uma experiência mística; ouviu uma voz que pedia para que ele servisse ao amor. Impactado com o ocorrido e convencido de que não teria sido um sonho, Giovanni iniciou seus estudos do evangelho e tomado de certeza, abriu mão da fortuna de sua família, tornou-se frade e

fundou a Ordem Mendicante que posteriormente passou a ser chamada apenas de Franciscanos. Suas vestes eram de saco e cordas e tudo que tinha ajudava os mais necessitados. Passou a ser chamado de Francisco de Assis.

Morava em lugares simples e chegou a viajar solitário até receber orientação para montar e cuidar de um pequeno local com o propósito de o restaurar. Todos comentavam e sobre o rapaz ter abdicado de todo conforto que sua família podia-lhe proporcionar, inclusive eu mesmo, afinal todos lutávamos para ter o mínimo enquanto ele negava a fortuna da família; não se comentava em outra coisa.

Um dia, andando pelas pequenas e estreitas ruas de Assis, me deparei com aquele jovem rapaz que me olhou com uma firmeza dando-me a impressão de já ter vivido aquele momento de qualquer forma não pude explicar o que havia sido aquela sensação.

Eu estava indo para casa com uma cesta de legumes; claramente senti que devia dividir com ele os alimentos e num ímpeto fraternal assim o fiz. A partir desse momento e apoiado pela minha

esposa muito devota da fé e admiradora do rapaz regado de simplicidade, fizemos daquele episódio um hábito. Sempre que nos encontrávamos nos tratávamos como bons amigos ainda que não houvesse tantos encontros.

Um homem de personalidade forte, de palavras firmes e revolucionárias sem perder a suavidade em seu semblante; definitivamente um homem de atitudes e conduta diferenciada. Com o passar do tempo, ganhou o respeito e admiração de todos e a cada dia suas obras foram nascendo, crescendo e se expandindo.

No dia de sua morte, aos primeiros raios onde o sol cortava a nevoa escutavam-se os choros silenciosos, o gorjear dos pássaros tristonhos numa mistura de festividade espiritual com solidão material, as badaladas cortavam os vales e a notícia de sua morte corria aos quatro cantos trazendo no choro dos fiéis como um cântico à sua morte homenagear. Assim viveu e morreu Francisco deixando-nos seus ensinamentos que até hoje ecoa nas badaladas do tempo de maneira inspiradora, mas não anunciando sua morte mas a sua vida plena e cheia de beleza que inspira a todos nós.

E eu ?

Como me senti triste e desamparado mas ainda não convencido da necessidade de fé ter ou da igreja pertencer, mas aqueles anos vivendo com aquele menino moço de Assis fez de mim um homem diferente e que respeitava e muito aquele que ali morava e andava entre nós um dos maiores apóstolos de Jesus.

E mais uma vez deixei a vida e o convívio e voltei para o abrigo daqueles que aguardavam além tumulto, e desta vez já não trazia as lamurias do primitivismo e nem a animalidade mas uma criatura mais humanizada porem ainda descrente da necessidade da fé.

Minha esposa e companheira ainda viveu longos anos até seu retorno sem filhos.



O início do Acerto de Contas

PASSOU ANOS APÓS O meu retorno, onde após aprendido e muito dos dois lados deveria mais uma vez voltar quase 200 anos depois do convívio daqueles que regressaram a jornada. Mas desta vez sem muito a oferecer por que tinha em minhas mãos as marcas do passado errante de furtos e equívocos que me cobravam agora um pouco mais maduro o ajuste de contas perante minha própria consciência perante a todos e principalmente perante a Deus.

Gozava sim de boa saúde mas as mãos me gravavam a idiotice de mim mesmo servindo me de Besta ou aberração aos olhos de todos ,mas aquela que foi minha esposa anterior e os primeiros

filhos de Jerusalém me receberam em seus braços não mais como pai tirano e desleixado mas como filho cativo de equívocos ate então inexplicáveis pela nossa ignorância, com o passar dos tempos e com uma condição social mais privilegiada e uma família totalmente cristã me via na obrigação de segui-los por que até então não dependia de todos sempre e meus pais ao contrário de muitos que tinham em seus seios filhos em deformidades igual a mim e os escondia , minha família não procedia da mesma forma , viam me a todo momento como qualquer pessoa e tinha uma vivência de cotidiano normal a todos e a educação que não pode ser pela escrita foi verbal e experimental e não tive problemas na articulação ou aprendizado por ser tratar já de um espirito ardiloso.

A igreja começou a fazer parte do meu convívio até que um dia minha família resolveu visitar uma cidade mais para o norte da Itália chamada Assis e em excursão fomos.

Ao chegar naquela pitoresca cidade encantamos, na verdade todas as localidades da Itália eram bem similares mudando apenas os contornos dos riachos, morros, castelos e pastos.

Mas ali aconteceria algo que mexeria com minha família, mais principalmente comigo.

Chegando e hospedando se em Assis algo, uma emoção fora do comum começou a falar mais alto e pedi para minha mãe para caminhar, ai ,onde tudo começou.

Ao começar a andar pelas ruas de Assis eu me movimentava como se já conhecesse muito bem aquelas ruas que em 200 anos não mudaram em nada, a principio não chamou atenção de minha mãe mas com a versatilidade da locomoção minha mãe começou a me questionar o que estava acontecendo que como um menino que viajara pouco e nunca fora aquele lugar conhecia tão bem as ruas e num frenesi inexplicável de emoções razões e certezas comecei a narrar fatos a ela apontando lugares e ruas a falar nomes de pessoas que nunca ouvimos falar e lugares que não sabíamos, até a casa onde vivi com ela minha mãe mas a época minha esposa eu sabia era muito tudo assustador e comecei a mostrar também a trajetória de Francisco de Assis falando dele como se o conhece-se na intimidade e mais surpreso ainda me encontrei chegando a igreja e a sepultura aonde se encontra

Francisco de Assis e um misto de tristeza e alegria me invadia a alma e olhando sua imagem, voltei a ter a sensação do encontro com algo ou alguém bem maior que agora me aquece a alma e faz repensar ou pensar em um época a 1396 anos atrás sem lembranças e depois em 1200 e pouco onde percebia ali sem saber que meu despertar estava por perto mas a história ainda de amor a Cristo ainda teria muito capítulos onde somente o amor a Ele mesmo me ajudaria me sustentar após aquela viagem que mudou a vida, minha mãe nunca tocou no assunto novamente mas nós sabíamos que algo diferente ocorreu e um dia de inverno nos poucos dias de sol em um tarde por causa de complicações que tive posteriormente, o coração para e cerra-se os olhos nos capítulos de uma trajetória para dar chance a outra hora em colisão com Jesus e Francisco de Assis e assim aos 14 dias de 1420 voltei para a pátria maior não para mais um retorno equivocado, mas um retorno diferente dentro de minha própria história



As Aparições

RESGATANDO OS ANOS DE 1560, mais precisamente no episódio da morte de minha mãe Mariée e vivendo a experiência de sentir a presença de Jesus em todas as coisas, com um caráter redimido, ia me adaptando aos costumes do mosteiro e a solidão que outrora me assolava, já me trazia entendimento sobre as variadas formas de amor e família. Ali, sem mais a sorte de uma visita de parentela, tornei os irmãos da Ordem Franciscana e a própria igreja minha nova e única família. Tinha paz nessa decisão, pois, sentia o tempo todo a forte presença das duas figuras que conduzia e inspirava nosso trabalho naquele lugar; Jesus e São Francisco de Assis.

Contudo, o mosteiro guardava seus segredos tal qual qualquer outra instituição religiosa da época. Nem todos os monges compraziam-se em servir a Cristo, tendo como foco de fé e trabalho espiritual o amor ao próximo e se fosse necessário, esquecendo-se de si mesmo abraçando a pobreza, como era o propósito daquela Ordem, como irmã cativa.

Os anos de estudos da liturgia cristã não foram suficientes para tirar do coração de alguns membros de nossa Ordem a ganância pelas coisas materiais, onde a luxúria reinava no calar das altas horas e o desejo de poder. Soava hipocrisia quando falavam sobre humildade, simplicidade e pobreza. Pude verificar isso somente anos de convívio, deixando o fantasioso de minha mente para dar lugar a fatos onde a política do silêncio reinava gerando uma falsa aparência onde tudo estava bem e servir a Cristo e ao cotidiano do mosteiro era uma experiência ímpar e individual para aqueles que viam naquele lugar a chance de servir a Cristo vivendo a ordem e disciplina e não as suas mais medíocres paixões.

Como disse anteriormente desde o meu atual retorno a carne nos meados de 1560 despertava

traços de meu passado, mas hoje isso mais superado sigo adiante em meus votos mas lembro-me de uma época que tinha certas sensações, de ouvir o que não se falava e ver o que não se enxergava, mas tudo sem explicação onde confundir-se era normal ainda mais para alguém que engatinhava na fé e no alicerce da própria história e esses fatos dissiparam-se com o tempo.

Mas, em um noite de verão onde em meu quarto, cada monge tinha em determinada época na ordem seu próprio quarto sem a necessidade de dividi-lo com outros monges, mas ali também havia quartos onde alguns monges dividam o mesmo ambiente o que não era meu caso.

Como dito anteriormente tinham certas épocas do ano onde vários monges se ausentavam do mosteiro para seus trabalhos de amparo e divulgação do evangelho de Jesus junto aos pequenos vilarejos onde passavam meses fora. Restando assim somente alguns monges dentro do mosteiro para a continuidade das atividades daquele local.

Voltando aquela noite quente de verão estando em meu quarto simples onde entrando havia uma pequena cômoda de madeira rústica e uma

cadeira e um gomil e bacia para a higiene era o máximo que aquele lugar poderia oferecer, poucos livros em uma pequena prateleira a esquerda do quarto e a iluminação de castiçal com velas ou lamparina com querosene que faziam a iluminação do local, a iluminação era precária ao mesmo tempo que eficaz.

O relógio de nós mesmos apontava o início da noite onde o crepúsculo nos beijava a face convidando nos as preces corriqueiras no mosteiro e assim retornando para o meu quarto deitado em minha cama pensando e folheando um livro sem mesmo prestar atenção no que estava escrito onde a mente divagava estando em qualquer lugar menos ali.

De repente sinto como se algo ou alguém entrasse no quarto eu não podia ver até então mas entre a presença e o torpor mental em que me encontrava, dormir e a realidade era uma linha tênue e nesse intervim pude visualizar a minha querida mãe.

O primeiro momento foi de espanto onde pensava em estar sonhando com aquela que me deu a vida para poder ser o que estava me tornando,

mas ela não aparentava a mesma mulher infeliz, maltrapilha dos últimos dias, ela se apresentava mais jovial e com semblante leve, tranquilo não mais carregava o semblante da mulher sofrida de tempos atrás.

Ela se aproximou de mim cercando se da minha cama e dizendo me.

“ Ângelo meu filho a felicidade e o amor de Jesus me trouxe até você e cheio de amor e saudades no coração.”

Como num despertar brusco volto a minha realidade sessando-se todo aquele momento rápido, mágico e ao mesmo tempo eterno, retornei entre lágrimas que insistiam em cair por lembrar ou estar com aquela que sofreu para que eu e meus irmãos que restaram após as pestes pudessemos sobreviver.

Retomei a consciência num fração de segundos e a visão desapareceu, no entanto, a sensação de que tudo havia sido real ficou em minha mente e desse momento em diante caí em lágrimas.

Acordei sem a certeza de ter tido a experiência de uma visão ou de um sonho; de qualquer maneira havia-me parecido tão real trazendo-me

tanto conforto que guardei meu segredo, pois, aos olhos da Santa Igreja, não era aceito, sendo considerado heresia de ordem demoníaca a ideia de aparição de almas de mortos.

Essa ideia causava-me indignação e meus pensamentos fervilhavam entre dúvidas e indignação.

Dado essa experiência sobrenatural, comecei a questionar os ensinamentos que até ali tinha aprendido e meu conflito interno começou a aparecer considerando Anjos e Demônios e o que de verdade significariam e como se manifestariam eles. Essas ideias tomaram conta do meu ser e refletindo sobre razão, fantasia, medo, certezas e incertezas passaram a assombrar-me.

Assim seguiram-se os dias e com as obrigações do local, aos poucos, foi-se apagando toda aquela experiência, mas em uma determinada noite, após o crepúsculo e as preces, recolhi-me aos meus aposentos e deitado na cama novamente pude experimentar a sensação de duplicidade do meu ser ajudado pelo sono aparente e o torpor mental que me davam novamente a chance de estar com aquela que foi minha mãe, agora de uma forma mais lógica que a primeira vez, onde o diálogo, o afeto,

a saudade era muito mais real. Em nosso diálogo, o que mais falávamos era sobre a benevolência de Jesus Cristo em permitir que juntos pudéssemos estar. Ela me lembrava sobre o amor a Cristo e a necessidade de adorá-lo independentemente de circunstâncias, necessidades ou adversidades.

Ela me dizia que o amor a Cristo não deveria sofrer abalos e que a minha devoção e voto deveria ser levado e risca. Eu não entendia o que ela queria me dizer e não tive tempo de questionar, pois, aquele vulto nobre se dissipara ali mesmo na minha frente e fiquei sem saber se tentei falar-lhe em voz alta ou em meus pensamentos.

Bateram na porta do meu quarto para saber o que estava acontecendo e atendi prontamente; era um outro monge da ordem que eu tinha-lhe muito respeito e consideração e, após falarmos abertamente, ele mesmo pôde constatar que não havia ninguém dentro do meu quarto que não passava apenas de equívocos por parte dele.

Passado mais alguns dias a mesma experiência voltara a acontecer e, dali em diante, como que semanalmente, podia desfrutar de momentos com aquela que havia sido minha mãe e também de

amigos que ela trazia-me para conversar. Nossos assuntos se resumiam praticamente nos ensinamentos sobre o amor de Cristo, sua devoção, seu voto e de como se faz necessário ser forte diante das turbulências.

Assim seguiram-se os dias, semanas e meses até que, movido pelo sentimento de não vigília ou empolgação de um coração jovem desprovido de malícia, conversando com meu querido e respeitável amigo monge, deixei escapar algo sobre não se tratar somente das aparências ou das conversas que tinha com minha mãe e outros que já não se encontravam aqui vivo entre nós, mas da continuidade da vida após a morte e da chance de podermos retornar para falar da existência do espírito. Narrei a ele alguns fatos que me ocorrem, pensamentos que eram ao meu ver normais que, com certeza, fervilhavam não somente minha mente, mas na mente de muitos outros que igual a mim questionavam, ainda que em seus pensamentos mais secretos ou até mesmo vivenciavam, assim como eu, momentos com esses seres até então considerados demoníacos. Ele então, virou-se para mim e disse-me:

- Ângelo, Você sabe que esses tipos de conversas são proibidos e que o demônio assume várias formas para fraquejar o homem, não sabe?

E pensei:

“Como poderia ser aquela que me ama um demônio tentando-me em minhas fraquezas? Seria o amor que tenho em minha mãe uma fraqueza?”



O Flagelo

O SERVIR A CRISTO estava no início dos seus capítulos e por momento de fragilidade ou fraqueza, aquele que até então era meu amigo, comentou com outros monges superiores de nossa ordem o que eu havia confessado a ele sobre minha concepção da vida após morte, da vivência possível de um espírito e o contato com eles.

Numa tarde, onde ajudava nas atividades dentro das muralhas do mosteiro, fui chamado para conversar com dois monges superiores da ordem.

Entrando em uma pequena sala de um dos pavilhões do mosteiro, sentado à mesa encontravam-se dois monges superiores com idades avançadas, ao lado deles mais dois outros monges auxiliares.

Todos nós nos conhecíamos, pois, a convivência ali era de absoluta união.

Ao entrar na sala senti uma sensação de estar numa atmosfera estranha que tomava conta do ambiente. Como numa intuição de mau presságio entrei. Pediram-me que fechasse a porta e sentasse na cadeira colocada de frente para a mesa de madeira ampla.

Logo começaram a questionar-me sobre estar passando por momentos de tentações onde crer ou não crer na Santa igreja Católica poderia me sublimar ou me condenar.

Lembraram-me que, mesmo se tratando de uma ordem franciscana que de uma certa forma rompera com a igreja tradicional ortodoxa, haviam entre eles homens radicais que não toleravam nada que fosse divergente dos costumes ensinados ali; eram os extremistas, os mesmos que no silêncio das paredes do mosteiro exalavam luxúria e usavam sua autoridade e poder para calar a todos que tentassem confrontá-los. Eu que já trazia em meu espírito o jeito astuto e ardiloso do ontem até então profano, consegui me sair relativamente bem, sendo punido, aos olhos e entendimento deles, de forma não muito severa.

Eles usavam de momentos como esses para poderem demonstrar para todos quem mandava ali. Dessa forma nos calando de qualquer tipo de comentários.

A partir daquele dia tudo mudaria, seria observado noite e dia com e sem discrição. No meu quarto foi colocado outro monge para dormir comigo a fim de que ele me observasse mais de perto. Como eu já o conhecia, não pude reclamar, pois já me encontrava em desvantagem.

Com o passar do tempo o que parecia ter cessado e os monges esquecidos, começava a acontecer novamente, porém, dessa vez, de forma totalmente diferente do que já havia vivenciado.

Numa noite, quando já estávamos deitados, eu e o outro monge, eu não conseguia dormir, vi entrar pela porta, sem necessidade de serem abertas, duas formas sombrias em seus hábitos dirigirem-se ao outro monge que dormia e, como numa parceria de presa e parasita, começaram a sugar suas energias. Ele apenas emitia pequenos gemidos inaudíveis. Foi quando num ato de susto fiz um barulho mostrando para aquelas criaturas que eu estava acordado e vendo-os; um

deles percebendo que eu os observava parou de se alimentar dos desejos mais secretos do monge e veio em minha direção; como num ato de desespero e defesa, comecei a gritar para que eles saíssem daquele lugar e que ali não era lugar deles, mas sim um lugar de amor a Cristo.

Todos no mosteiro acordaram com meus gritos e meu companheiro ainda mais assustado ficou me olhando com temor e encolhido sentando na própria cama onde estava completamente molhado de suor.

Na manhã seguinte novamente fui chamado para conversar com os mesmos monges de tempos atrás e, sendo mais uma vez sabatinado, tive de relatar o ocorrido; tudo o que havia visto e acabei também relatando como as duas criaturas se pareciam com monges que já viveram ali naquela ordem. Lógico que tudo que eu disse foi impugnado pelos monges que dirigiam o mosteiro.

Após conversarem por vários minutos, dirigiram-se onde eu estava sentado esperando e imediatamente ordenaram meu castigo; só que, desta vez, muito mais severo. Naquele mosteiro Franciscano, escondia-se nos seus porões salas onde

práticas adversas a ordem; eram realizados julgamento sem que ninguém soubesse.

Alguns monges fliavam-se ao Santo Ofício ou a Santa Inquisição. Estava em alta na época e havia em quase todas as ordens, fosse direta ou indiretamente, os infiltrados para descobrir quem eram os hereges que compactuavam com as sombras ou demônios. Assim fui enquadrado, não de uma forma ostensiva, mas para que não passasse impune e eles tivessem a chance de ditar suas regras de poder, viram em mim a chance de servir de exemplo a todos.

O castigo foi realizado nos porões do mosteiro onde ninguém via e nem ouvia os acoites do chicote das 6 chibatadas que me foram proferidas. Colocaram-me no centro de uma sala vazia, despiram-me e em seguida começaram o castigo que me cortava a carne a cada chibatada.

Um misto de sentimentos me invadiam a mente, a cada chibatada aumentava meu ódio por eles. Ao mesmo tempo, lembrava-me das aparições de minha mãe e de suas palavras que o amor a Cristo não deveria ser esquecido mesmo diante das adversidade, foi então que entendi, mesmo

com tanta revolta em meu ser, que tinha de compreender e perdoar. Contudo, a ideia do castigo também era para servir de lição a todos e para espantar, de acordo com, a interpretação deles, os espíritos que se apossavam de mim.

Questionamentos que até então não se faziam presentes, começaram a ser meus amigos constantes, pois, a ordem eu já não via mais como minha casa e nem os monges como meus irmãos. Agora eu via como a figura da minha família, dos meus amigos ou irmãos apenas os pobres que precisavam da minha solidariedade. O que me sustentava era Jesus como meu mestre e Francisco de Assis como meu exemplo de amor aos pobres. Em Jesus a minha fé permanecia, no entanto, o respeito pleno que até então eu depositava nos homens que junto de mim conviviam e que eram representantes de Cristo na terra, morria a cada açoite que recebia.



A Fuga

COMO DISSE ANTES MINHA fé e amor a Cristo e a Francisco de Assis não foram abalados, mas num momento de rebeldia e incredulidade naquele lugar consegui sem que ninguém soubesse ou me visse, fugir sem levar absolutamente nada, nem mesmo a roupa do corpo, porque o que eu usava me caracterizava com os costumes daquela ordem e eu não queria ser reconhecido. Como sabem do meu passado de pequenos furtos, não me foi difícil dar vazão a estes atos, agora de maior necessidade e assim, roubando pequenas peças de roupas para poder cobrir meu corpo nu.

Corri entre campos, montanhas, vales e rios, só tinha uma coisa em mente não poderia ser pego.

Nos primeiros dias escondia-me de dia e somente caminhava durante a noite alimentando-me como podia.

Foram dias difíceis e de incertezas porque eu não tinha o hábito de fazer grandes viagens nem tampouco conhecia toda aquela região. Com o tempo tive a certeza de que os monges não fariam esforços para me acharem, pois, além de que na condenação não tinha sido considerado inimigo da igreja ou Herege, tinha também o caso de que pra eles seria um livramento das graças de Deus e de Jesus que tivessem se livrado de um problema como o meu.



Novas Vivências

ASSIM SEGUIRAM-SE EM TORNO de uns 8 a 10 dias de fuga até que pude viver não mais como um monge, mas sim como um homem que amava a Jesus e a Francisco de Assis.

Chegando em um vilarejo percebi que já não mais me encontrava na França mas, Assis a qual já havia visitado algumas vezes. Corri em direção à cidade com intuito de poder me alimentar e descansar, contudo, sabia que não poderia me estabelecer ali e então, após repousar e saciar minha fome, marchei mais para baixo até chegar na capital Romana, afinal, nem todos os religiosos de outras ordens iam até aquele local, não fazia parte da rota da igreja.

Em alguns vilarejos os estrangeiros não eram bem vistos ou aceitos, mas mesmo assim consegui viver algum tempo por ali em Canzano, um pequeno lugar perto do mar Adriático.

Em um vilarejo mais ao norte de Canzano onde pude mais tranquilamente ficar, trocava trabalhos braçais por pernoite e comida e dessa forma, a cada dia me distanciava de tudo e de todos que haviam feito parte do meu passado no mosteiro.

A pobreza era companheira de todos e não era diferente comigo. Sem que ninguém soubesse de onde eu vinha comecei a ser alguém diferente entre os camponeses que ajudava e cuidava porque aquele povo estava atolados em uma miséria que os assolavam sem misericórdia. Eu, por ter um pouco de estudo em várias áreas, algo que era difícil para a maioria naqueles dias, pude ajudar com remédios e alguma instrução.

As aparições não cessaram, mas já estava mais acostumado a ver e conversar com aqueles que ninguém via somente eu. Nunca me esquecia que foram essas visões o motivo de todos os meus flagelos e que de certa forma haviam me concedido a liberdade, então me sentia agradecido.

As aparições não mais me assustavam e nem me causavam medos, tampouco os via como demônios; na verdade eu tinha mais medo daqueles que me açoitavam do que daqueles que me ajudavam a compreender a pós vida.

Uma noite na pequena choupana que residia no vilarejo, tive novamente a visita da minha nobre mãe que saudosa me abraçou e me disse que em cada momento de meus sofrimentos ela pedia a Jesus que estivesse comigo e também Francisco de Assis; isso me fortaleceu o espírito, mas aprendi a calar-me. Ninguém, absolutamente ninguém sabia o que ocorria comigo e se me perguntassem como sabia curar, porque em algumas situações espíritos me ajudavam a cuidar dos doentes do vilarejo, eu dizia que aprendera vendo minha mãe, que era uma nobre mulher que cuidava dos pobres.

Assim o tempo foi passando e o amadurecimento chegou. Agora já contava com 20 e poucos anos, pois, fui muito novo para o mosteiro, com 12 anos de idade, nesses mais de 10 anos pude viver, amar, chorar e sorrir e saber a viver com Cristo e por Cristo. Minha aparência mostrava que eu tinha mais idade por causa do castigo do sol,

dos cabelos ondulados aos ombros e da barba que me davam aparência de mais velho, no entanto, os braços fortes e tronco largo me davam também respeito entre os outros.

Não era muito de conversa embora amava viver entre os desvalidos e as experiências por mim vividas me trouxeram como aliado o silêncio. Aprendi a desconfiar de todos, mesmo quando não havia necessidade.



O Reencontro

ERA UMA NOITE FRIA de outono, estava deitado na choupana onde morava e num torpor novamente mental divagando entre o sonho e a lucidez, me vi em um campo onde o dourado do trigo distendia-se como um tapete pela paisagem, mais ao longe o verde das montanhas fez com que, num misto de andar e voar entre o trigo, algo no meio da plantação me chamou atenção e involuntariamente na direção ao local onde um clarão se fazia presente e saindo dele um vulto que imediatamente eu o reconheci; aquele que há séculos encontrara em Jerusalém e, lembrando daquele olhar ímpar que veio à minha mente, porque recordara-me dele sem mesmo saber que era Dele aquele olhar que

me cortava as entranhas do meu ser. Num tempo em Jerusalém numa época onde era o meu maior sentido de viver e ele olhou-me e disse-me:

“Sou eu, o renegado de ontem por ti que agora tu amas. Venho oferecer-te meus braços para poder te acolher e chamar-me de teu irmão.”

Eu, dizendo seu nome entre lágrima, - Jesus meu irmão!

Eu não entendia por que ele se dirigia a mim como o renegado, mas a sua presença e força onipresente encheram o meu ser novamente de esperanças como a me dizer para nunca deixar de acreditar nele, que eu não confundisse o seu amor com o amor daqueles falsos profetas que falavam em seu nome, que eu teria ainda muito que viver, não que sofrer fosse uma lei para todos aqueles que resolvem amá-lo, mas o reflexo da ignorância que nos fazia sofrer.

Todos acreditavam que amar a Jesus era algo terrível que somente o flagelo libertava e agradava a Ele. Naquela época isso parecia mesmo fato porque não havia outra forma de chegar até ele sem ser pelo sofrimento imposto, mas eu não acreditava nesse Jesus que só punia e ao mesmo tempo falava de amor.

Desde os tempos dos circos romanos os primeiros Cristãos eram devorados pelas feras, fazendo um paralelo, ainda éramos devorados pelas feras; pelos lobos em peles de cordeiros.

O monopólio, o poder, a falta de conhecimento e informação da massa eram as justificativas e oportunidades que eles tinham para, no ápice de suas hipocrisias, ignorar o bom senso e a razão, dando lugar a Santa Inquisição que atuava matando todo aquele que fugia dos padrões da Santa Amada Igreja.

Ali em seus braços pude, por um momento a mais, ter a certeza de que Ele existia não somente pela fé, mas na vida de todos nós, crentes Nele ou não, contudo, como em um despertar olhando os campos de trigo sumindo e dando lugar para a choupana onde dormia, voltando a minha realidade, porém, bem mais fortalecido do que tinha e pra o que deveria de fazer dali a diante.



A Certeza do Meu Voto

COMO EM TODAS AS ordens que deturpavam o amor de Cristo, também tinham aqueles que, assim como eu, o amavam fielmente. Apesar de sermos poucos, tentávamos, a todo custo e, as vezes arriscando nossas próprias vidas, manter viva a pureza de nossos votos em servir a Cristo. Assim, vencendo a cada dia, íamos vivendo incorporados em nossas convicções, eu em especial, dessa vez não tão aberto, pois, o medo me sugeria precaução e guardando meu segredo, certifiquei-me de que minha verdadeira identidade não viria a ser descoberta.

Minha necessidade de estar entre os pobres não mudava e cada vez mais parecia que Jesus

era quem me colocava mais próximo daqueles a quem, incondicionalmente, ele amou.

Inconscientemente apenas confiava e deixava-me ser guiado em direção aos mais desvalidos e pobres. Isso foi-me dando certo destaque entre eles, afinal eu tinha um pouco de informação e o Frei Ângelo do mosteiro foi ficando cada vez mais pra trás.

Eu tinha como conduta não permanecer muito tempo em um mesmo lugar, mudava-me de tempos em tempos, de anos em anos. Esse costume era bastante comum entre os aldeões porque, de certa forma, a ajuda simples que oferecíamos a toda aquela gente necessitada que encontrávamos em nossa jornada, nos davam a chance de ser mais ampla em solidariedade e todos os aprendizados e quantidade de caridade que praticávamos, traziam aos nossos corações toda a vivência dos votos em trabalhar para servir a Cristo e ainda de nos sentirmos cada vez mais próximos Dele.

Quando questionado pela minha boa educação e conhecimento das letras dizia que minha mãe vivera em uma família abastada onde pude crescer entre os filhos dos nobres e assim tive a sorte

de aprender um pouco ainda que o convívio com eles era limitado. Assim as pessoas não questionavam a veracidade de minhas palavras ainda mais pelo fato de eu ser de outro país.



O Reencontro
Com o Passado – Mosteiro

UM DIA ESTAVA EM viagem, mais para o sentido a Oeste de onde vivia, em visita a um vilarejo que era um pouco maior do que o de onde eu vivia, fui verificar se conseguia alguns suplementos como remédios e alimentos para levar para nossa pobre e necessitada aldeia, deparei-me com os monges do meu antigo mosteiro, estavam em um pequeno grupo de 3 ou 4 em peregrinação levando, àquelas paragens, o evangelho de Jesus e alguma ajuda que eles poderiam oferecer aos mais desamparados.

Recuei-me até certo ponto por medo de ser descoberto porque não tinha ideia de qual seria a reação deles e fiquei muito apreensivo, pois, era

inevitável o contato. Eu tinha certeza que não seria reconhecido, afinal havia mudado muito minha aparência desde que havia saído do mosteiro há tantos anos. Minha curiosidade era o motivo pelo qual estavam naquela região da Itália, sendo que, o mosteiro onde eles viviam era na França e poucos deles dominavam o idioma italiano. Contudo, era normal peregrinações não só em Marselha como também em outras regiões nas fronteiras da Itália, sendo que, em Assis nem tanto, mas sim na região dos **Estados Pontifícios** ou **Estados das Igrejas** que dispunham como sua capital Roma que, como pertenciam e eram controlados pelo papado, tinham como hábito as peregrinações e o costume de, durante a viagem, ajudar os necessitados que encontravam pelo caminho.

Não fui reconhecido, como disse anteriormente, meus traços haviam mudado consideravelmente e meu italiano já era fluente e sem sotaques. No entanto, se precisasse me comunicar em Francês, isso poderia ser um problema e até motivo para ser reconhecido, pois, não saberia simular um sotaque francês; poderiam perguntar-me o que um francês fazia perdido naquelas paragens.

Com a graça de Deus isso não ocorreu, porém, entre eles, havia um monge que olhou-me profundamente como a sondar-me no íntimo. Fiquei bastante apreensivo com a situação e preocupado em, não conseguindo disfarçar o nervosismo, entregar-me. O medo instalara-se deixando que meus olhos me entregassem, então rapidamente dispersei-me em meio à pequena multidão para não me ver em embaraços.

Não nego o turbilhão de pensamentos e sensações que me veio à tona sobre um passado que eu julgava adormecido. Senti-me muito incomodado com aquela situação, mas e aos poucos, fui me entretendo novamente com meus afazeres e consegui me desvencilhar do ocorrido e refazer-me rapidamente.

Tudo o que eu mais queria era não precisar encontrar com aqueles que um dia eu me sentara para comer e beber como servos de Cristo que tinham atitudes tão mesquinhas e cruéis. Contudo, sei bem que não devo julgá-los porque nem todos tinham a mesma índole e nem pertenciam a mesma classe daqueles que falavam em vão sobre o nosso Senhor.

Alguns dias depois, voltei para o vilarejo onde morava, longe daqueles homens do antigo mosteiro que não me causaram nenhuma alegria em revê-los. Como estavam de passagem, de certo não haveria de encontra-los tão cedo. No entanto, enquanto os dias se passavam e a rotina me envolvia, o medo de encontra-los pelas estradas era um fantasma que me acompanhava por todo lugar por onde houvesse de passar.

Da viagem de regresso, trazia comigo toda sorte de ajuda que tinha conseguido como suplementos em remédios, vestes e alimentos para ajudar a amenizar a dor e as necessidades básicas daqueles que se encontravam em situações muito piores do que a minha, situações que os deixavam viver à mercê da boa vontade de almas generosas que se colocavam a disposição para ajudá-los conforme podiam.



Uma Visita Inesperada

ERAM DIAS DIFÍCEIS NAQUELE vilarejo, fome era o que mais nos castigava, estávamos todos jogados a sorte, sem nenhuma ideia de qual seria nosso destino, esperávamos por um milagre vindo de Deus.

Minha situação não era diferente da deles, todo tipo de necessidade agora também batia na minha porta com a mesma violência de dificuldades que a de todos de nossa aldeia, contudo, eu não me deixava abater e continuava, hora ajudando no que podia, hora dividindo o que tinha. Ajudar aqueles meus irmãos a sobreviver era como fôlego para não desistir, se preciso fosse tirava de mim.

As pestes estavam a rondar todos os lugares na Europa, não tínhamos para onde fugir, nos

matavam aos milhares e como se não bastasse havia o inverno rigoroso que, nessa época, castigava todo o território.

O Destino fez com que eu fosse pego por uma das doenças da época. Fiquei muito debilitado e acamado por dias acreditando que seriam os meus últimos momentos entre aqueles que me serviram de chave para abrir as algemas que eu mesmo havia me colocado ao longo dos séculos.

Até que um dia, quando a fome me era extrema, deitado em minha cama e delirando em febre que umedecia meu corpo e minhas vestes, completamente fraco a ponto de desfalecer, ouvi alguém bater em minha porta, no entanto, sem forças para me levantar e sem lucidez para tentar entender o que ocorria ou quem batia a porta, não atendi.

Passados alguns momentos ouvi ao longe a porta ranger abrindo vagarosamente e, aproximando-se de mim, veio um jovem rapaz franzino; certificando-se de minha debilitada situação, pegou uma bacia com água fria e com um pedaço de pano começou a fazer compressas em minha testa a fim de reduzir minha febre e tentar salvar-me a vida que, naquele momento, deveria estar por um fio.

Meu estado febril me alucinava não me deixava ter pleno raciocínio do momento. Por mais que eu me esforçasse para tentar reconhecer quem havia vindo ao meu auxílio, não conseguia.

Sentia suas mãos rústica enxugando meu rosto, olhei para cima e, num esforço singular, pude reconhecer aquele que um dia cruzei em Assis e dei-lhe os primeiros vegetais. Na época ele era um ser faminto que aparecera na minha frente que eu havia o ajudado e, agora, séculos depois, ele estava ali na minha frente retribuindo a caridade que um dia eu dispensei a ele cuidando de minhas debilitações.

Em meio as minhas agitações e alucinações, acabei adormecendo. Quando acordei no dia seguinte, encontrava-me lúcido e com a temperatura controlada, não diria totalmente recuperado, mas já não havia o perigo de vir a óbito.

Esforcei-me para tentar entender o que havia ocorrido na noite anterior e lembrei-me vagamente de um sonho que tivera com aquele que servia de inspiração para ter como ordem de conduta e amor a Cristo.

Tinha ciência de que era apenas um sonho, então, ao levantar-me e dar alguns passos, observei

que em cima da mesa havia um pequeno cesto com alguns vegetais e pães; imediatamente compreendi o que realmente ocorrera na noite passada e num ato compulsivo, comecei a chorar copiosamente de joelhos de toda minha alma, porque aquelas lágrimas pareciam vir de minhas entranhas.

Naquele momento pude ter a certeza de que mesmo não fazendo mais parte daquela ordem de Francisco de Assis, não deixava de fazer parte de seu amor.

Tão logo recuperado, acelerei-me para voltar a cuidar com amor e carinho daqueles que dependiam de uma mão amiga.

Com a convicta certeza de que eu fora visitado por aquele que serviu a Jesus, o qual eu o comparava como um dos melhores dentre todos os apóstolos dos últimos tempos, e com essa certeza eu sentia a minha alma tão cheia, tal qual aquele cesto de vegetais e pães que me foram oferecidos e ainda me trazia a memória a certeza de algo familiar ainda que eu não conseguisse lembrar-me de onde vinha aquela sensação.



De Volta ao Trabalho

OS DIAS SEGUIAM COMO de costume em minha modesta casa, no entanto, aquele sonho com o Nazareno despertava-me sensações de lembranças adormecidas de há muito, muito tempo, contudo, eu não conseguia encontrar em meus pensamentos respostas para aquelas sensações que me rodeavam; mas ele se encarregou de acalmar meu coração com o incansável trabalho de amparo aos mais necessitados. Eram tantas as suas necessidades, desde alimentos até medicamentos para aliviar a dor e as dificuldades diversas daquele povo sofrido.

Eu era muito requisitado, auxiliava como podia e jamais fazia diferença entre eles. Eu sabia que, naquela altura da minha vida, não poderia novamente

voltar a viver em nenhum mosteiro, mas os princípios aprendidos e a devoção da ordem a Francisco de Assis e a Cristo nunca deixariam de me acompanhar. Ainda que, eu não pudesse usar uma veste específica, os valores ensinados e aprendidos estavam impressos nos que eu havia escolhidos e isso ninguém podia me despojar. Eles me permitiam uma sensação de paz, nada nem ninguém poderia me tirar os princípios, vivia para servi-los.

A minha formação e fé não podia ser compartilhada com ninguém, digo sobre a origem de toda a minha devoção, mas na verdade e com o passar do tempo, isso era o que menos importava porque o mais importante não era a vestimenta e sim o que Cristo e Francisco de Assis representavam em minha vida e que havia sido determinante para a escolha da conduta de ser quem eu era.

Muitos podem se perguntar se ontem eu era um errante e hoje sou um Cristão totalmente transformado, mas, digo a todos que possam vir a pensar nisso que, o que tenho a dizer é que na natureza não há saltos, porém, os dias e séculos são iguais para todos e aos que dormem nas lápides da própria ignorância ou cegueira podem em qualquer

tempo despertar e, quando chegar a hora de iniciar sua jornada, o que não se pode prever nem antecipar, mas uma coisa é certa; as “BADALADAS DOS SÉCULOS , O DESPERTAR DE UM CRISTÃO” é inevitável: a conduta, a ética, a moral ditará se o seu caminho será de ascensão livres de maiores tropeços ou será de maiores tropeções a caminho da ascensão.

Meu caminho não foi encurtado ou algo parecido; eu demorei mais de um milênio e ainda alguns séculos para começar a aceitar as verdades da vida que estão contidas em todos os dias e em todos os lugares, sempre foi e sempre será assim; continuarei minha jornada de ascensão a Cristo servindo sempre com afínco e sempre tentando me superar para servir como nunca servi.

Voltando à época e ao trabalho, continuei naquele local onde vivia e comecei a criar alguns laços de amizades mais firmes. Pelos lugares que passava, costumava despertar uma certa simpatia e interesse nas mulheres, mas eu nunca me envolvi, nem nessa e nem em outra roupagem, apenas cultivava amizades com o propósito de gerar na humanidade uma família espiritual.

Sempre disfarçava quando uma moça me galanteava, justificava-me alegando muito trabalho e obrigações que não me permitiam ter tempo para tais aventuras. Dessa forma, elas logo esqueciam.

Assim seguiram-se os anos, nesta época eu já estava com meus 30 anos de vida, talvez um pouco mais, as marcas do tempo já começavam a me denunciar e também a me condenar, pois, parecia que eu tinha muito mais; vivia em uma época onde viver era um jogo interminável.

Meu amor ao próximo, a Jesus e a Assis me fortalecia a cada dia para que eu pudesse vencer meus desafios pessoais e, assim, pudesse me dedicar a todos os desvalidos que choravam pelo caminho pedindo-me pão.

Não era chamado de religioso, nem de santo, nem de bruxo porque eram palavras perigosas, pois, se me chamassem de santo despertaria a atenção da igreja e dessa forma descobririam sobre meu passado.

Se me chamassem de bruxo, despertariam a atenção e o interesse da santa amada igreja e da Santa Inquisição em me condenarem a morte como um herege, sendo assim, a melhor escolha

foi ser discreto e ter neutralidade na conduta; como eu não era muito de falar, consegui manter-me no anonimato, e assim pude sobreviver para dar continuidade naquilo em que eu havia me proposto a fazer.

Novamente o tempo foi avançando as primaveras, verões, outonos e invernos. Já próximo dos 40 anos, em meio ao caos e doenças, contudo, contando com paisagens belíssimas que se contrastavam com a realidade daquele povo sofrido, as desventuradas verdades Cristãs que se confundiam e se misturavam entre os ortodoxos, no final não passavam de cristãos equivocados, pois, não existia equilíbrio, apenas o radicalismo entre as vertentes, fazendo com que não existisse harmonia.



A Doença

ERA UM DIA DE inverno congelante, eu estava sem lenha para acender o fogo e preparar minha refeição. Saí pela mata em busca de qualquer tipo de madeira seca, colhi até gravetos e retornei para casa.

Estava com uma queimadura no meu cotovelo direito, o qual já tinha feito curativos, porém, a lesão se inflamou impedindo a cicatrização. Com o passar dos dias pude observar pequenas manchas que horas eram rosadas, horas esbranquiçadas e que começaram a se espalhar pelos meus braços e pernas. O desespero tomou-me conta por completo, pois, tinha ciência sobre o que se tratava; era a lepra, uma doença que me fadava experimentar o inferno sem mesmo ter de ir até

a ele. Sabia que eu não poderia vacilar, contudo, aconteceu.

Na minha vida de cuidar dos mais necessitados, estava sempre exposto e sujeito a contrair vários tipos de doenças e, por mais que tomasse os possíveis cuidados, não havia muito o que fazer, uma vez que, me sujeitara a cuidar dos moribundos, o que não tivesse remédio remediado estaria. Creio que minha contaminação se deu com alguns casos de pessoas que cuidei com sinais da doença, porém, sem a confirmação de fato.

Você poderia se perguntar se me revoltei; minha resposta seria que não, nem tão pouco culpei ninguém, entendia que o contágio havia se dado de maneira involuntária e a escolha de ajudá-los, em tal situação, tinha sido de minha total responsabilidade e risco. Como estávamos em pleno inverno rigoroso na Europa, não me foi difícil passar despercebido nos primeiros meses.

Fui obrigado a redobrar meus cuidados com as pessoas as quais eu mantinha contato diário, afinal de contas eu não poderia espalhar tal praga para aquele povo que já era tão sofrido e marcado com as chagas da indiferença daquela hipócrita sociedade.

Observava todos os dias o progresso das lesões e, caso houvesse a progressão, deveria me juntar aos outros no isolamento evitando assim não contaminar mais ninguém.

Sabia também que não demoraria o dia em que eu, voluntariamente, teria de partir daquela vila secretamente, o estágio da doença com certeza aumentaria e eu não podia correr o risco de ser reconhecido. Lançaria-me à sorte de um desgraçado e solitário isolamento.

Tentei esconder-me ao máximo, até que um dia, em um vacilo, viram meus braços e o alarde foi fatal, até mesmo aqueles que eu os amava como irmãos e que havia cuidado de alguns deles, tiveram, ainda que a contragosto, concordarem com minha expulsão do vilarejo.

Restou-me compreendê-los, eu não poderia viver entre eles com uma doença contagiosa como a lepra a qual era considerada na época como uma das maiores e mais terríveis pragas que teria vindo para dizimar boa parte da população e, sem a sorte da cura, era apenas uma questão de tempo para que ela se acentuasse. Os meus dias estavam contados.

Não negaria, foram dias de escuridão os que vivi. Questionava e chorava muito em meu silêncio, clamava por entendimento e por direcionamento para poder seguir e aceitar o porquê de tudo aquilo que estava acontecendo comigo.



Recordando O Passado

EM UMA DETERMINADA NOITE sonhei que estava em outras terras totalmente diferentes daquelas que até ali havia conhecido, era uma época bem distante e eu sobrevivía das armadilhas que sabia fazer e de minha esperteza para me dar bem.

Era a minha fisionomia, contudo, não era eu, tratava-se de um outro eu, um outro homem em um outra situação, a época presente também era outra.

Eram várias as cenas desconexas e todas retratavam furtos, roubos. Via-me correndo muito após cometer delitos os quais eu os justificava pelas necessidades de sobrevivência.

Nesses sonhos, podia observar pessoas apontando para minhas mãos e me acusando de ladrão,

durante essas acusações, quando eu olhava para meus membros superiores, via-os sendo devorados em carne viva pela lepra que eu tinha contraído.

Continuava roubando tudo o quanto podia ainda que fossem pequenos furtos. Era algo como saciar um vício.

Trago para minha compreensão a leitura que fiz da simbologia daquele sonho: Era a minha consciência que me chamava mais uma vez a fim de reparar os séculos de equívocos.

Se faz necessário compreender também que o que aconteceu comigo, acontece com todo mundo de instante a instante sem que seja levado em conta à época; a lepra significa o que deve ser tratado em nosso ser, ela é o nosso acerto de contas.

Existem vários tipos de lepras e a minha ali era no âmbito da moral.

Se pararmos para refletir, todos nós precisamos, em algum momento, tratar de nossa moral, de nosso caráter e dignidade, pois, a lei do retorno é para todos e o ajuste é inevitável.



Retornando À Realidade

AQUELE ÚLTIMO VILAREJO ONDE estabeleci moradia, foi de fato onde mais tempo fiquei, não era à toa que tivesse feito tantos amigos. Eram meus companheiros e se viram numa situação muito difícil quando tiveram de me tirar dali, pois, não havia outra forma de resolver o problema, era uma questão de vida e de morte, tratava-se de sobrevivência.

Juntei uma trouxa de roupas e naquele mesmo dia parti. Estabeleci-me em um local onde os desvelados e condenados a viver até que a lepra os consumissem ficavam.

Lembro-me que a cada passo que me distanciava daquele local que eu chamava de lar

desvinculava-me também de todos os meus amigos que ficaram ali em um pequeno grupo vendo a distância, pouco a pouco, finalizar nossa jornada juntos.

Na última vez que olhei para trás eu os vi colocando fogo em minha casa; não era um ato de revolta, fazia-se necessário para evitar qualquer tipo de contágio da doença, era de fato a única forma de impedir que ela se alastrasse.

Era perceptível que todos os meus amigos compartilhavam de minha dor e sina. Dividiram suas lágrimas comigo durante minha partida, haviam também aqueles que guardaram o silêncio, contudo, permaneceram ali até que eu desaparecesse de suas vistas estrada à fora.

E assim segui meu caminho, passei dias e noites novamente me escondendo, porém, agora não mais como um Monge fujão, mas sim como um homem condenado para a morte pela lepra como a marca da desgraça que carregava no meu corpo.

Sabia que corria perigo de vida caso algum grupo desconhecido e impiedoso me encontrasse, ceifaria minha vida sem titubear. Sendo

assim, tomei o máximo de cuidado para não ser descoberto andando na noite e dormindo ou me escondendo durante o dia até chegar no local onde me serviria de lar até os últimos dias de minha vida.



A Vila Dos Leprosos

QUANDO CHEGUEI NOS PORTÕES da Vila dos Leprosos, pude ver de longe um grupo de pessoas que se escondiam atrás de suas roupas pesadas.

Chamei e pedi por ajuda. Foi quando uma mulher veio me recepcionar e, antes mesmo de me perguntar o que eu desejava ali, observou as marcas de minhas mãos que denunciavam a lepra como certa.

Ela logo abriu os portões para que eu imediatamente entrasse. Bastante desconfiada, olhou para os lados e disse-me para apressar-me e segui-la. Afobada se apresentou como Francesca e eu a retribui me apresentando como Ângelo.

O lugar era simples e normal não se podia dizer que ali era o poço dos condenados porque era um lugar discreto com pequenos casebres.

Quando paramos, Francesca estava mais tranquila. Pediu para que eu tirasse minhas roupas e as entregasse a ela, queria ver a gravidade das feridas, então, lhe mostrei mãos, braços, antebraços, dando mais ênfase para os dedos de minha mão esquerda. Ela, concluindo que ainda estava bem no início, decidiu que eu poderia ficar ali com eles.

Não posso negar, os dias que se sucederam foram terríveis, envoltos em lamúria, tristeza e desgosto. Me perguntava do porquê ter de passar por tudo aquilo.

Essa angústia, trazia-me à memória aquele sonho que fazia com que eu me lembrasse do significado de purificação que aquela tribulação me remetia.

Os alimentos que consumíamos, eram jogados, muro a dentro, pelos moradores da região. Eram pessoas que se compadeciam de nossa situação porque muitos tinham parentes naquele local.

Nos primeiros dias eu divagava em melancolia, sentia que se a lepra não me matasse, muito em breve a tristeza assim o faria.

Nos primeiros dias em que comecei a vivenciar aquela nova situação, creio que foi também, o primeiro momento em que não me lembrei do Cristo e nem de Francisco de Assis ou de qualquer outra nobre divindade. Tornei-me vítima de minha própria desgraça e sentia apenas pena de mim.

Chorava o tempo todo, nem por um momento se quer, não parava para observar todas aquelas pessoas que se encontravam na mesma situação que a minha, na verdade, haviam alguns que estavam bem piores do que eu.

Pareciam estar acostumados aquela vida de miséria e esmolas como se fosse normal, não se importavam nem mesmo com as deformidades e limitações que a lepra havia lhes apresentado. Mas, afinal o que era normalidade naquele local?

De uma certa forma, até que havia ordem no isolamento; os mais sadios cuidavam dos mais debilitados, haviam outros encarregados da limpeza e as mulheres cozinhavam.

Passado mais alguns dias nesse interim de lamúria e auto piedade, fui me adaptando e saindo do meu casulo emocional.

Comecei involuntariamente a ajudar no que podia. No começo era mais por obrigação, porque por dentro eu só tinha tristeza. Contudo, banhava e cuidava dos curativos dos mais moribundos, trocava as bandanas que cobriam corpos que se desfaziam em vida a cada dia, aplicava remédios naturais que eu mesmo preparava para poder aliviar as dores. Depois de ajudar no que podia, me retirava e ficava quieto em um canto.

Os que morriam ou era por conta da doença avançada ou pela dor que já não podiam mais aguentar.

Nos dias que foram se passando e o meu bem querer, por aquelas pessoas, foi aumentando. Fui fazendo as pazes com Jesus, afinal, ele não tinha nada a ver com tudo aquilo e, claro, automaticamente também fiz as pazes com meu querido Francisco de Assis, o patrono dos pobres e oprimidos.

Comecei a trabalhar com o mesmo amor e dedicação que fazia antigamente aos que me procuravam, ali com a lepra, o que não faltava era gente para ser amparada.

Nesta convivência pude perceber que, naquele local, haviam desgraçados de toda classe social; pobres lançados a sorte de suas próprias misérias, pessoas ricas e da nobreza onde, nem mesmo suas fortunas podiam salvá-los e eram jogados ali e esquecidos. Creio que para esses o inferno era ali mesmo.

As famílias dos ricos e dos nobres que acabam contrariam a doença, nos enviavam provisões, as vezes mandavam seus empregados entregarem, as vezes iam, sem que ninguém os vissem, pessoalmente e largavam na entrada do local; eram sacas e sacas mantimentos que, somados com o que conseguíamos plantar, era o suficiente para sobrevivermos.

Numa tarde estava conversando com um jovem de 20 e poucos anos e ele contou-me sua história.



Valentino O Nobre Sem Riquezas

COMEÇOU CONTANDO-ME QUE SE chamava Valentino, que já não saberia dizer se ainda poderia se considerar membro, mas que pertencia a uma família muito rica e tradicional que apesar de conviverem com a nobreza, sempre optavam pela discrição. Junto de seus pais e irmãos eram todos muito felizes; viviam em paz e harmonia. Era o primogênito e já estava noivo há dois anos.

Ele e a prometida estavam apaixonados e sonhavam com a vida perfeita que todo casal almeja nesse momento.

Valentino contou-me que era o orgulho de seu pai, sempre que ele tinha a chance, o elogiava nas rodas sociais sobre seu comprometimento com os

negócios da família que prosperavam a cada dia diferentemente da realidade da maioria das pessoas da época.

Era o varão, o primogênito e o único homem, que daria continuidade ao nome, ao brasão e aos negócios, pois tinha duas irmãs, o que fazia com que o desejo e anseio, principalmente do pai, aumentasse cada dia mais com seu casamento para que lhe desse os netos tão esperados, enchendo assim, a casa deles de vida e alegria, pois, seu maior desejo era fazer perdurar o nome da família pelos anos, décadas e séculos deixando assim, o legado deles na história local.

E prosseguiu contando que, foi então, numa determinada tarde, que teve muita febre que se estendeu por um longo período de tempo o deixando acamado. Como não havia o que a fizesse baixar, decidiram lhe banhar com água morna ali mesmo acamado, foi quando que, para a surpresa de todos, descobriram o que mudaria toda jornada de vida e planos de toda sua família, principalmente a dele e de sua noiva. Observaram em suas costas e ombros manchas bem características, sem quererem acreditar, chamaram o médico da

região e fatidicamente constatado o que ninguém queria acreditar; era lepra.

A noiva de Valentino entrou em estado de choque. Ele por sua vez foi simplesmente esquecido, foi expulso de casa.

Contou que no mesmo dia, enquanto arrumava suas coisas para partir, viu todos os seus sonhos serem enterrados, seus desejos sufocados, todas as suas esperanças mortas e que a última cena que guardava na memória era de sua mãe agachada junto de sua noiva na varanda, chorosas amparadas pelas empregadas e seu pai em pé numa postura de austeridade, mas que igualmente a todos, desorientado com toda aquela situação.

Finalizou contando que ninguém pôde levá-lo, teve de sair sozinho da casa e da cidade onde morava, que havia sido o dia mais triste de sua vida, que sentia estar ali jogado a própria sorte.

Valentino nos contou sua história chorando, mas com muita coragem, o que encorajou, como um momento de desabafo, outros tantos a narrarem as suas também.

Ainda que cada história tivesse a sua particularidade, o final era sempre o mesmo; rejeição,

marginalização, desgraças e por fim indiferença e esquecimento.

Nesses compartilhamentos de histórias e desabafos, senti-me um pouco mais refeito e entendendo que não era o único que se sentia triste e abandonado, pois haviam na mesma situação que a minha.

No final, aquele local era o que nos restava para chamarmos de lar e família.



Nova Chance De Servir Mais



O TEMPO PASSAVA E eu, com afimco e otimismo, me dedicava em ajudar ao máximo no que podia e conseguia, porque acreditava que ajudava muito mais me colocando na posição de um servidor da obra de Cristo do que a de um simples voluntário.

Por conta da minha condição física, que era melhor do que o da maioria das pessoas ali e também de toda experiência adquirida ao longo da minha vida, automaticamente fui me tornando muito mais um líder daquele local do que somente um mero doente e morador à espera da morte.

Todas as resoluções do local eram passadas por mim. Sentia-me na obrigação de ajudar em tudo que estivesse ao meu alcance e entendimento, pois,

como já havia sido um monge, um homem religioso e trazia na minha forma de vida meu voto eterno, ainda que meu comportamento fosse a de um homem comum, afinal de contas essas verdades pertenciam somente a mim e mais ninguém.

Seguia fazendo minha parte a cada dia e, a cada pessoa que passava pelos meus cuidados, fosse um banho ou um curativo, procurava sempre imaginar que era Cristo me usando como ferramenta em sua obra, porque Ele disse: "Quando ajudares ao próximo não é a ele que estarás ajudando mas sim a mim".

Sempre que tinha a chance falava de Jesus Cristo; uns ouviam apáticos, outros se emocionavam, outros se questionavam em pequenas lamúrias, já outros blasfemavam, pois, a revolta era enorme. Perguntavam-me onde estava Cristo que não os socorria e que se Jesus curou a tantos, por que não curava a eles também.

Procurava falar-lhes sempre amorosamente de um Cristo salvador e amigo, que a situação em que vivíamos em relação a nossa doença, não tinha nada ver com Cristo. Explicava que a vida carnal era uma escola e que as lições eram para

serem aprendidas por nós de maneira singular, única, uma experiência particular e intrasferível.

Percebia que alguns compreendiam o ensinamento que eu intencionava passar-lhes, contudo, muitos não entendiam o que eu tentava dizer-lhes, pois, eram propícios a achar mais fácil culpar alguém a assumir os fatos como resultados de nossas próprias escolhas e experiências. Muitos não entendiam nem tampouco aceitavam. Os que buscavam compreender, alcançavam um pouco de paz.

Com o passar do tempo, os moradores do isolamento passaram a me respeitar a cada dia mais e mais e eu os retribuía em igualdade também regado de muito amor.

Já não nos víamos como estranhos desgraçados e condenados a morte, mas como irmãos. O respeito e o amor foram se desenvolvendo em cada um de nós. Cada perda de um ser humano que nosso grupo sofria, era motivo de tristeza e comoção geral; o silêncio era sem dúvida a reflexão e o temor de que o próximo poderia ser qualquer um de nós.

O tempo se encarregava de acalantar a nossa dor pela perda e logo os burburinhos dos dias

que se seguiam faziam por si só o ritmo voltar ao normal ou até o próximo companheiro nos deixar pelo portal da morte ou algum outro leproso entrar pela porta da frente de nossa fortaleza, trazendo consigo as marcas que só quem as tinha sabia do seu peso e destino.



A Impiedosa Lepra

O TEMPO FOI PASSANDO e as mortes tinham de ser tratadas de maneira que pudéssemos nos certificar que a doença não se espalharia.

Tínhamos duas opções de cerimoniais para nossos mortos que eram realizados numa distância de uns cem metros de onde se encontrava nosso isolamento: A primeira era através de crematórios; incinerávamos os corpos e a segunda era por enterro; em covas profundas.

Próximo de onde fazíamos as cerimônias para nossos mortos, havia uma vila que anteriormente estava em pleno crescimento e ascensão, mas isso foi antes que a lepra os tragasse.

Entre idas e vindas meu estado de saúde que já não era tão diferente dos outros, foi se agravando cada vez mais, todavia, agora eu percebia ter uma força que nunca tivera antes.

Meu entendimento entre viver e morrer havia mudado, a força de minha fé se fortalecia a cada dia e isso tinha o poder de retardar de certa forma, o avanço da doença; não que ela não estivesse presente, sim ela estava, eu continuava doente com lepra, no entanto, por conta de meu porte físico que sempre foi tão saudável desde minha adolescência, alimentação simples, porém, diária e que não nos faltava nada e com a sorte de todos os cuidados que recebíamos uns dos outros, creio que tudo isso ajudava e muito, porém, comecei a sentir que mesmo assim e com todos esses privilégios que acabei de contar, os comprometimentos físicos começaram a chegar.

Primeiro perdi dois dedos da mão esquerda, percebia que a doença, já avançada, dificultava-me em certas ações, mas eu nunca deixei de exercer o ofício a mim dado que foi o dom de servir e abracei a causa em meio a minha própria dor e sofrimento como a última chance de servir mais.

Pensava que sempre teria alguém em maior sofrimento e padecimento e que esse alguém precisava de mim.

Essa atitude de servir foi motivo de exemplo e aos poucos contagiando muitos irmãos em situação igual a minha, que viviam em meio ao caos e padecimento onde a certeza fatídica do amanhã era um fantasma que assombrava toda nossa jornada.

Nesse ritmo de trabalho, superação e amor, segui mais alguns anos. Agora já não tinha mais a mão esquerda, faltavam-me dois dedos do pé esquerdo e dois dedos da mão direita, nem assim esmoreci; continuei firme em meus propósitos perante ao trabalho com Cristo e com aqueles que precisavam de mim.

Viver cada dia praticando a caridade, fez do ato do amor meu hino de reverência a Cristo dando graças mesmo diante de todas as dificuldades, pois, não nos faltava o que beber e comer, embora a dor fosse uma constante, nossos laços iam se estreitando e nossos sentimentos de família uns pelos outros se solidificando cada dia mais.

Sempre nos lembrávamos que a vida era assim mesmo, nesse ritmo rápido entre os fatos e suas ocorrências que chegavam sem avisar e partiam da mesma forma. A vida simplesmente seguia.

Falávamos sobre nem mesmo Jesus ter tido tempo de reagir diante de toda sua dor e sofrimento. Foi injustiçado, expulso e em seguida crucificado; sozinho caminhou em direção a seu maior padecimento tal qual a cada um de nós e, então veio a dúvida de que talvez estávamos, assim como ele, caminhando para a nossa libertação. Em seguida concluímos que ele não quis reagir, escolheu triilhar o destino dele.

Jesus, nem mesmo no maior momento de sua dor e flagelação, não nos esqueceu e ainda intercedeu por nós diante do Pai não deixando de lado nem mesmo aos algozes clamando que os perdoasse, enquanto que nós, em nossas dificuldades, nos esquecemos dele e passamos a murmurar, choramingando em lamúrias.

Esta era a mensagem que sempre fazia questão de levar para reflexão nas reuniões de nossos grupos, pois, sempre sentia a presença do próprio Cristo a nos consolar e amparar, era como

se ouvíssemos a sua voz dizendo que não estávamos sozinhos, que ele havia morrido na cruz por nós, que sempre estaria presente para nos ajudar com a nossa própria cruz, que não morreríamos sozinhos porque Ele estaria conosco para nos fortalecer, amar, socorrer e receber quando os nossos olhos se fechassem nessa vida e despertasse na outra em seus braços.

A cada pedaço do meu corpo que me faltava, eu tinha o desejo de servir mais e mais e eu tive a sorte, ainda que alguns concluam que fosse a falta dela, de poder sobreviver um pouco mais do que as expectativas me dispunham, de ficar por muitos anos ali.

Desde muito moço, executava muitos serviços braçais e por conta desses exercícios físicos, desfrutava de muita saúde e força física, era muito jovem quando fui morar no mosteiro. Lá éramos sempre muito bem alimentados, o que veio a se refletir no exato momento da minha vida onde toda resistência do meu corpo significa mais chances de ficar por mais um tempo na carne. Essa era uma fase que considerava muito importante; cada gota extra de saúde para poder continuar.

Não acontecia o mesmo com os outros. A essa altura do campeonato, a saúde deles já estava bem comprometida devido a má nutrição ou má conduta deles, agora eram cobradas.

Eu também, de uma certa forma, pagava um alto preço por ter minha saúde melhor do que a deles, pois, tinha de enterrar aqueles que, através da convivência, aprendi a ter afeição e compaixão e haviam se tornado meus grandes amigos.



Minha Partida

AQUELE LUGAR QUE NÃO mais poderia ser chamado apenas de uma pequena vila porque conforme a peste se espalhava o lugar também se estendia e demandava mais espaço e agora já era uma pequena cidade.

Aposto que todos estão achando que meus últimos dias terminariam assim.

Com o tempo, a lepra foi nos consumindo, trazendo-nos a todos para a morte, no entanto, era como receber uma carta de alforria que nos libertaria das algemas daquela prisão a qual havíamos sido condenados.

Me desculpe desaponta -los , mas estão errados, mas sim em Foi numa manhã de primavera, por

conta de nosso local estar crescendo, fomos invadidos pelos intolerantes da redondeza que enviaram soldados incumbidos de acabar com todos os leprosos.

Naquele dia que, eu juro que ficará em minha memória por toda a eternidade, foram muitos mortos, vocês podem até imaginar que a morte já era um destino certo que todos nós já havíamos recebido, mas não daquela forma sombria e sangrenta, onde a intolerância permitiu que muitos fossem decapitados ali mesmo na frente de seus cônjuges, filhos, pais e amigos.

Eram dezenas de corpos amontoados que se formara bem ali no centro do local e serviram para formar uma pira humana.

Nem todos fomos mortos e decapitados, como sabiam que alguns de nós éramos incumbidos de cuidar dos moribundos, pouparam-nos em um grupo de 6 amigos.

Éramos chamados de podres Imundos, uma compreensão que, até aquele momento, eu jamais haveria tido sobre nenhum de nós em nenhum instante. Eu podia ver o ódio em seus olhos, o que permitia com que eu me sentisse assim.

Naquele mesmo dia fomos interrogados, pois, como se não bastasse toda aquela morte que quase chegou em nossa total aniquilação, haveria ainda mais show de barbárie.

Como já contei anteriormente, eu me destacava pelo porte físico e também pela desenvoltura em toda e qualquer questão social em que me envolvesse, no entanto, através de muita tortura, eramos obrigados a falar de nossas origens.

Considerando que muitos daqueles infelizes eram pequenos ladrões fujões e de gente de toda sorte, fomos alvos para a justificativa dos atos ali ocorridos, pois, nos consideravam como um antro de bandidos e o que haviam feito era um favor e não uma atrocidade. Como se não bastasse, ainda tinham a intenção de não serem responsabilizados posteriormente, o que estendia a tortura física também para o âmbito psicológico.

Todos temíamos por sermos descobertos. Quando me chamaram ao interrogatório, já sabiam das atividades as quais eu era capaz de fazer com minhas mãos e mente somado aos meus conhecimentos com medicamentos para cuidar dos doentes.

Sem muito questionamento, logo me condenaram como um feiticeiro e, juntamente com os outros que tiveram cada um seu particular julgamento, fomos todos condenados à morte na fogueira.

O evento ocorreu no mesmo local onde haviam feito a pira humana com os corpos do massacre de outrora, os quais já haviam se tornado cinzas.

O cheiro era insuportável e impregnava todo o local causando náuseas nas pessoas presentes, mas o pior do cheiro era para nós, porque ele tinha o poder de impregnar nossas almas condenadas em total desespero, pois, sabíamos o que nos aguardava; era uma questão de horas, no máximo um dia. E assim foi.

No dia seguinte de nossa condenação formaram o grande circo para os ignorantes que vieram aos montes assistir aquela barbárie como se estivessem participando de um grande evento ou festa.

As pessoas da região não entraram no local; ficaram assistindo de fora.

Fomos colocados em uma fileira e amarrados em troncos um do lado do outro. Éramos seis no total; eu, o terceiro da esquerda para a direita.

Um a um fomos queimados em público. As chamas começavam pelos pés e subia consumindo nossos corpos.

Alguns morreram logo no início devido ao desespero somado as dores que lhes causavam infarto, alguns desmaiavam de dor.

Eu, devido minha boa saúde de antes da lepra, era o menos debilitado, custei render-me a morte o que permitiu que meu sofrimento se estendesse até o momento em que não ouvia e nem sentia mais nada.

Nesse instante foi como se o público presente não se encontrasse mais, o silêncio tomou conta do lugar, porém, ninguém havia saído dali, na verdade senti uma enorme paz e num momento de torpor e transição, bem ali na minha frente, pude ver uma grande luz que ofuscava minha visão, mas, de súbito, pude reconhecer no meio daquela luz, os mesmos olhos que se cruzaram com os meus há 1595 anos atrás.

A diferença se deu que, naquele momento, não mais o ignoraria, mas sim me daria a oportunidade e privilégio de dizer que nunca houve um só momento em que eu pudesse ter me arrependido de ter lhe servido.

Ele, juntamente, com Francisco de Assis, que também sempre ofereceu seus braços para aqueles que padeciam, sem dizer uma só palavra com os lábios, apenas com a troca de nossos olhares que, mais uma vez se cruzavam, chamou-me pelo meu nome e disse-me: - " Ângelo, vinde a mim todos os que sofrem por que serão consolados."

Em meio as minhas lágrimas, pude reconhecer também a Francisco de Assis lembrando-me do episódio em que lhe ofereci alguns vegetais e em seguida recordei-me também sobre sua visita em minha casa quando a febre me consumia e, o franzino Francisco olhou-me e apenas disse-me: "Obrigado".

Naquele momento de pura exaustão, voltando meus olhos ligeiramente para trás, concluí que havia deixado meu corpo físico, o qual estava em chamas, dando-me a chance de estar novamente com aqueles que me foram modelo e guia com certeza que a minha história, mais uma vez, não se encerraria ali.



O Retorno

E ASSIM FECHARAM-SE MEUS olhos para mais uma existência. No entanto, entre todas as anteriores narradas, sem dúvida esta foi a melhor; afinal, pude conhecer, amar e servir a Cristo e a Francisco de Assis, tendo assim, a oportunidade de desenvolver a paciência, a tolerância e a persistência que são características tão valiosas para quem deseja realizar obras em servidão, ainda que em meio a toda e qualquer adversidade. Aprendizado que me fortaleceu para superar as barreiras me tornando um cristão mais forte e mais convicto de minha fé e dignidade em servi-lo.

Dessa forma retornei para o que conhecemos como Plano Maior da vida ou a vida espiritual, o

que me permitiu, depois de séculos, usufruir de uma condição espiritual melhor.

A minha trajetória não se encerraria ali, pois, tendo em vista a necessidade da evolução do espírito, tinha comigo as minhas próprias necessidades e não poderia esquecer-me dos séculos em que vivi na escuridão de minhas escolhas erradas.

Já me encontrava numa situação de evolução mais elevada e talvez até mais favorável, no entanto, eu ainda precisava de mais aprendizados para a evolução do meu espírito, por isso me foi permitido mais uma chance, a qual seria ímpar para que eu pudesse colocar em prática toda minha fé, crença em Cristo e na sua justiça, pois, os dias que estavam por vir não me trariam conforto, mas sim o desafio de quem deve crer sem ver, porque os sombrios momentos que viriam, serviriam como escola sublime se acaso antes eu não sucumbisse ao chamamento para incondicionalmente amar a Jesus.



Um Berço Chamado África, Uma Escola Chamada Brasil.

E FOI EM MEADOS de 1697 á 1700 quando eu me programava para retornar, tendo em vista que havia esperado mais de 100 anos para poder voltar, todavia, tive a sorte de poder escolher bem minha nova oportunidade a qual em entedia que seria uma chance de lapidar ainda mais meu espírito que outrora havia sido tão burilado.

Não seria mais em Jerusalém, nem na Europa e nem mais em época Medieval, nem tampouco seria mais distante ou mais perto, apenas teria muito aprendizado.

Foi na virada do Século 18, em plena África, continente assolado pela miséria e contrastes que eu reencarnei como uma bela menina

que desde cedo conheceria a vida de total miséria, dor e abusos.

Portugal estava no auge de seu comércio de escravos africanos que eram arrancados de suas casas e terras, junto ou separados de suas famílias.

Comigo não foi diferente, mas antes preciso contar algumas coisas que me foram traumáticas.

Cresci entre irmãos e irmãs, porém, era dona de uma beleza ímpar que se destacava entre todos eles e que era notada por todos, principalmente pelos homens de minha aldeia que me observavam.

Aos dez anos de idade, ainda muito inocente, caí nas garras de alguns homens de uma aldeia vizinha, homens esses que fizeram acontecer-me as maiores misérias que eu conheceria em tão tenra idade me gerando traumas que não me permitiram relacionar-me com mais ninguém ao longo desta vida, marcas essas que me tornariam em uma jovem estéril, incapaz de poder gerar em meu ventre uma vida.

Como em minha última vivência eu havia me comprometido em não me vincular a ninguém para que eu pudesse assim servir totalmente a Cristo, conscientemente não me foi difícil aceitar a ideia de que não me casaria.

Quando estava com doze anos de idade, a aldeia onde eu morava com minha família foi invadida. Praticamente todos foram levados pelos portugueses para serem vendidos como escravos.

Fomos levados para uma terra bem distante e totalmente desconhecida chamada na época por Brasil Colônia. Todos de minha família fomos levados; meus pais, tios, tias, irmãos e eu própria.

Eles chegavam nessas terras por várias rotas; a nossa foi por uma região, na época conhecida como Porto Rico que mais tarde ficou conhecida como Porto de Galinhas no Recife. Não ficamos ali por muito tempo, não demorou para que seguissemos viagem rumo ao Sul daquelas terras onde ficavam as grandiosas fazendas de café, produto este que estava em alta. Lá fomos vendidos feito mercadoria para os barões.

Era tudo muito estranho, éramos mulheres e homens negros escravos leiloados em praças públicas. As mulheres eram escolhidas por sua beleza e também pelo porte físico. Minha família foi toda dissolvida. Aquele dia foi a última vez que vi meu pai e irmãos, Fiquei com mais duas tias

e fomos levadas para uma fazenda que ficava há dias de viagem de onde estávamos.

Eu não podia imaginar que viveria os meus piores dias de renúncia e humilhação.

Me apegar em Deus era a única forma de suportar o que estava por vir. Quando conheci a Jesus, entendi rapidamente que servir a ele seria a única forma de suportar tudo aquilo. A fé seria meu sustento, era de suma importância, pois, ela serviria de chama para iluminar os dias sombrios que passaríamos.

Logo na chegada, muitos de nós fomos jogados em locais que eram chamados de Senzala. Algumas das mulheres e eu estávamos inclusas entre essas; fomos levadas para a casa grande onde trabalharíamos nos serviços domésticos. Lá também haviam Senzalas que ficavam nos porões. Eram nossos dormitórios, todas acomodadas juntas, sem a menor privacidade.

Os anos se passaram e a saudades de nossa terra era imensa, nos era permitido, vez ou outra, lembrarmos de nosso povo através da nossa fé e as vezes podíamos realizar nossos rituais de festividades ali mesmo nas portas das senzalas.

Comecei a trabalhar na casa grande cuidando dos afazeres gerais e também, tomando conta dos filhos pequenos da esposa do proprietário fazenda, homem este impiedoso que gerava em todos o medo. A esposa era totalmente submissa às suas ordens, o obedecia veementemente em tudo que ele desejasse.

Aquele lugar era totalmente diferente do conceito de lar que eu tinha. Aos poucos fui me adaptando dia após dia, ano após ano e com o passar das décadas a lembrança de nossa terra foi ficando cada vez mais distante.

Eu não tinha vontade e nem tampouco sentia necessidade alguma de me relacionar com ninguém e essa minha indiferença era percebida por todos. Meus donos viam este meu comportamento com bons olhos, porque sendo desinteressada por qualquer homem não causaria problemas maiores a eles como gravidez ou casamento.

Houveram várias tentativas, mas como nunca andava sozinha não me foi difícil manter-me apartada de qualquer possibilidade de contrair um relacionamento, contudo, tinha o desejo de cuidar dos doentes daquela fazenda, esse interesse em ajudar crescia cada vez mais em meu espírito.

Meus donos sempre permitiam que eu fosse até a Senzala maior cuidar daqueles meus irmãos que ficavam doentes, essa permissão não me era difícil de conseguir por causa de minha postura sempre correta e por esse motivo não se incomodavam, muito pelo contrário, confiavam em mim.

Com o passar do tempo fui me aprimorando no dom de servir e sentia a fé crescer em meu coração. Isso Fazia com que todos me depositassem uma total confiança; diziam-me que quando eu cuidava de suas feridas logo melhoravam. Eu por minha vez, não admitia tal reconhecimento e atribuía todas as honras que me era designada como a própria força de Deus e Jesus.

Minha pessoa foi conquistando o respeito de todos daquela fazenda e também de fazendas vizinhas.

Um dia uma das filhas da senhora da casa grande ficou muito doente, como a cidade era muito longe para ir buscar o médico, minha Sinhá pediu-me que olhasse a criança, então, apenas fiz minhas orações e preparei um chá para a pequena. Não demorou para que ela melhorasse e isso fez com que minha reputação aumentasse ainda mais.

Mesmo o dono daquela fazenda sendo austero era também muito justo, A idade foi chegando e fui vendo muitos dos nossos sendo mortos pelos capatazes, mas haviam também os que morriam de mortes naturais.

Naquela época eu já era conhecida como curandeira e sempre que alguém precisasse lá estava eu para servir e falar de Cristo e de seu poderoso e incondicional amor por todos nós.

E assim cheguei aos meus 70 anos de idade carregando na bagagem da vida as experiências de ter sido tudo o que precisava para continuar aprendendo a amar e, cada vez mais, amava a Jesus Cristo.

Nessa vida fui benzedeira, curandeira, parteira, conselheira, mas pude também cultivar na minha vida a simplicidade e através das experiências, ainda tive a chance de expurgar todas as mazelas trazidas dos meus antepassados, pois, a cada dia do meu cárcere vivido, distanciava-me de todas e quaisquer limitações, privações e, sendo negra e escrava numa época onde só vivíamos para servir, me trouxe a certeza de que essa reverência a Jesus não é sinônimo de sofrimento, mas sim de não

viver para si próprio, mas sim para servir pessoas necessitadas e também ter compreensão e amor com as pessoas que nos humilham.

Minha história não se encerra numa senzala e nem com um ponto final, mas com as badaladas de um sino de uma igreja que soavam *As Badaladas dos Séculos* num amanhecer onde fecharia meus olhos mais uma vez nesta Terra para *o despertar de um cristão* nos braços de Cristo.

FIM

de Mauá - SP como também em outras cidades de São Paulo e outros Estados.

Ministra um curso de psicografia desenvolvido por ele, passando adiante seus conhecimentos e preparando médiuns com Jesus nas bases da Doutrina Espírita Kardecista para o trabalho de consolo as famílias que perderam seus entes amados em Mauá, Florianópolis e Bertioxa (Casa Vinha de Luz).

No campo social dedica-se a atender famílias carentes junto com seus amigos e um grupo chamado "Campanha de lar em lar", com distribuição de cestas básicas e atendimento fraterno. ***Tendo 3 obras literárias psicografadas (As Flores do Jardim De Maria, Quando Você Me Recebe em Seus Braços, Na Sombra da Imortalidade e As Badaladas dos Séculos - O Despertar de um Cristão).***

Ramirez seu benfeitor, diz "O amor é a somatória de todos os bons sentimentos colocados despretensiosamente acima de qualquer imperfeição a todos os seres vivos, independentemente do plano em que se encontram".

Página oficial facebook Cartas Consoladoras
Henrique Bottaro

Instagram cartas consoladoras Henrique

YouTube Cartas Consoladoras Henrique Bottaro

O Tempo

Nas badaladas do relógio, onde se veem as horas vivenciadas, não nos esqueçamos de que para tudo o que existe há uma razão.

O tempo foi criado no campo terreno para que pudéssemos nos educar perante os compromissos assumidos, compromissos, esses, não somente com o tempo, mas com todos aqueles que do tempo fazem parte.

Trabalhar quer dizer agir, agir quer dizer executar, executar pode-se dizer também criar. Deve-se criar para o bem. Não se ocupa o tempo divino com frivolidades, sem causa, sem destino a lugar algum na esfera das experiências, com reflexos no nosso espírito.

Trabalhar para nossa manutenção, sustentabilidade e necessidades do corpo sempre é válido, todavia, muito mais devemos trabalhar para a sustentabilidade moral de nossa jornada, como ocupantes de nosso lugar na criação, pois todos fazemos parte dos planos de Deus; então não nos ausentemos de nossas responsabilidades diante da vida nem arrumemos desculpas e ou comportamentos para justificar a nossa inércia incabível.



J. J. Andrade

Legend 5